Antes que o mundo acabe acabar com o mundo

Monografia apresentada ao Instituto de Artes – IdA, da Universidade de Brasília – UnB, como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel em Artes Plásticas.

Orientadora:
Profa. Dra. Karina e Silva Dias

Brasília, DF, 2017

Antes que o mundo acabe acabar com o mundo

Monografia apresentada ao Instituto de Artes – IdA, da Universidade de Brasília – UnB, como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel em Artes Plásticas.

Orientadora:
Profa. Dra. Karina e Silva Dias

Brasília, DF, 2017

Antes que o mundo acabe acabar com o mundo

Monografia apresentada ao Instituto de Artes – IdA, da Universidade de Brasília – UnB, como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel em Artes Plásticas.

Orientadora:
Profa. Dra. Karina e Silva Dias

Brasília, DF, 2017

Antes que o mundo

Monografia apresent
da Universidade de B
parcial à obtenção d
Artes Plásticas.

Orientadora:
Profa. Dra. Karina e S

Brasília, DF, 2017

de de Brasília

dA
tes Visuais - VIS

Olfenza

o acabe acabar o mundo
do acabe acabar o mundo
o acabe acabar com o mundo

tada ao Instituto de Artes – IdA, Brasília – UnB, como requisito o grau de Bacharel em

Silva Dias

Universidade de Brasília

Instituto de Artes - IdA
Departamento de Artes Visuais - VIS

Yná Kabe Rodriguez Olfenza

Universidade de Brasília

Instituto de Artes - IdA
Departamento de Artes Visuais - VIS

Yná Kabe Rodriguez Olfenza

Universidade de Brasília

Instituto de Artes - IdA
Departamento de Artes Visuais - VIS

Yná Kabe Rodriguez Olfenza

Universidad

Instituto de Artes - Id
Departamento de Ar

Yná Kabe Rodriguez

Antes que o mundo acabe acabar o mundo
Antes que no mundo acabe acabar o mundo
Antes que o mundo acabe acabar com o mundo

Antes que o mundo acabe acabar o mundo
Antes que no mundo acabe acabar o mundo
Antes que o mundo acabe acabar com o mundo

Antes que o mundo acabe acabar o mundo
Antes que no mundo acabe acabar o mundo
Antes que o mundo acabe acabar com o mundo

Antes que o mundo
Antes que no mund
Antes que o mundo

Monografia apresentada ao Instituto de Artes – IdA, da Universidade de Brasília – UnB, como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel em Artes Plásticas.

Orientadora:
Profa. Dra. Karina e Silva Dias

Brasília, DF, 2017

Monografia apresentada ao Instituto de Artes – IdA, da Universidade de Brasília – UnB, como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel em Artes Plásticas.

Orientadora:
Profa. Dra. Karina e Silva Dias

Brasília, DF, 2017

Monografia apresentada ao Instituto de Artes – IdA, da Universidade de Brasília – UnB, como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel em Artes Plásticas.

Orientadora:
Profa. Dra. Karina e Silva Dias

Brasília, DF, 2017

Monografia apresent
da Universidade de B
parcial à obtenção d
Artes Plásticas.

Orientadora:
Profa. Dra. Karina e S

Brasília, DF, 2017

de de Brasília

dA
tes Visuais - VIS

Olfenza

Universidade de Brasília

Instituto de Artes - IdA
Departamento de Artes Visuais - VIS

Yná Kabe Rodriguez Olfenza

Universidade de Brasília

Instituto de Artes - IdA
Departamento de Artes Visuais - VIS

Yná Kabe Rodriguez Olfenza

Universidade de Brasília

Instituto de Artes - IdA
Departamento de Artes Visuais - VIS

Yná Kabe Rodriguez Olfenza

Universidad

Instituto de Artes - Id
Departamento de Ar

Yná Kabe Rodriguez

o acabe acabar o mundo
do acabe acabar o mundo

Antes que o mundo acabe acabar o mundo
Antes que no mundo acabe acabar o mundo

Antes que o mundo acabe acabar o mundo
Antes que no mundo acabe acabar o mundo

Antes que o mundo acabe acabar o mundo
Antes que no mundo acabe acabar o mundo

Antes que o mundo
Antes que no mund

ANTES QUE O MUNDO ACABE ACABAR O MUNDO ANTES QUE NO MUNDO ACABE ACABAR O MUNDO ANTES QUE NO MUNDO ACABE ACABAR COM O MUNDO YNA KABE RODRIGUEZ OLFENZA

O TRABALHO É A BANCA

Antes que o mundo acabe acabar o mundo
Antes que no mundo acabe acabar o mundo
Antes que o mundo acabe acabar com o mundo

Sobre a monografia:
O trabalho aqui apresentado é composto por diversas formas de escritas e construções de pensamento que estão tanto à margem da escrita acadêmica como pensam a sua forma a partir de *Acolhimentos (citações e agrupamentos de pensamentos de pessoas que percorrem minha pesquisa), Notas, Escritos e Conversas* .

Proposta para a banca:
A partir da experiência da leitura e da função que a banca tem sobre o que se é proposto no texto, a monografia aqui se propòe propor: qual será o formato final do texto e como a experiência individual pode compor poeticamente o trabalho. Aqui, o corte das páginas determina o próximo corte e em um romper da ordem, liberta (e confunde) o que se é lido. Pensar está proposta como uma conversa onde todo o formato abrigará igualmente novas ruas sobre o pensar.

Antes que o mundo acabe que possamos trocar nossas escolhas como potências artísticas.

Proposta para o público:

O texto compartilhado ainda está em processo e será apresentdo dia 06 de Julho na Galeria Espaço Piloto na tarde de quinta-feira às 16h.

Dividido em três cadernos diversos, a leitura pode ser feita dentro das liberdades individuais. Tudo pode ser lido, nada pode ser lido; na ordem ou direção desejada. Sinta-se livre para questionar a orientação dada pelo arquivo pdf.

No dia da ***defesa*** será proposto um live dj set para que o público posso escolher ouvir a banca, ouvir a banca ao som de uma coletânia de músicas escutadas ao longo do processo de pesquisa e escrita ou só ouvir a playlist. Esse elemento surge à partir da regra que proibe qualquer participação externa ao processo de avaliação/***defesa*** de monografia.

Leve seu fone de ouvido e seu celular carregado.

Sobre o trabalho:
Além de uma linguagem e formato, o trabalho proposto para a conclusão do curso é uma pesquisa sobre as normas de apresentação de TCC e as diversas burocracias que percorrem o codiatiado de todas nós. Das investigações às proposições, o trabalho aqui se configura em uma terceira e última etapa, a banca de avaliação. **O trabalho é a banca.**

Levantando diversos documentos, propostas poéticas, a banca tomará como risco a sua própria configuração e a investigação da mesma; em um movimento entre a experiência da avaliação e a experiência do trabalho em si. Das regras às aberturas que as brechas revelam "Antes que o mundo acabe(...)" é uma proposta em construção e sempre em construção.

Composta por Tatiana Lionço, Luisa Gunther, Emerson Dionisio e Gê Orthof.
Proposta por Yná Kabe Rodríguez Olfenza
Orientada por Karina Dias
Com um jardim, uma dj virtual, um mobiliário *site-specific* e uma pilha de documentos.

observações:

O texto apresentado poderá ser alterado após a banca de defesa de tcc por isso seu conteúdo é fluído e deve ser entendido como um inicio de um diálogo entre **espectadorxartistaxpesquisaxpoéticaxartexexperiênciaxartexacademiaxfimdomundoxvidaxburocracia**

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
CAMPUS DARCY RIBEIRO

ESPAÇO PILOTO 6 DE JULHO QUINTA-FEIRA 16H00

[JB] **[JB]**
V V V KD V V V
V V **V V**
V V **V V**
V LG **GO V**
V V **V V**
V TL **ED V**
V V **V V**
V V **V V**
V V V YKB V V V
[F] **MMMMMMMMMM**

INS

yná kabe rodríguez olfenza
brasília, DF, 2017

Um muro é uma parede? Pensar sobre as barreiras físicas e ideológicas que tantos muros carregam ao longo desta história vigente no Planeta Terra me faz criar uma barreira entre o que escreve e eu. Muralhas, muros, cercas, vivas ou elétricas, delimitações do que pode ou não existir além do muro. Além do lado de cá ou do lado de lá? Quando escrevo estou dentro de onde o muro cerca ou estou do lado de fora encarando sua monumentalidade? Essa inquietação me faz pensar em todos os movimentos que derrubaram muros.

O carro contra o muro.
O pixo contra o muro.
O povo contra o muro.

O terremoto, o fungo, o mofo, o tempo, contra o muro. Berlim ou Esplanada dos Ministérios, os muros caem. Devem cair.

Quando um muro se torna parede? Destruir um muro pode ser uma ação quase impossível; quase. Dentro de suas impossibilidades possíveis o muro pode ser transformado em parede. Que segura o teto, que demarcar um lar, que acolhe o corpo cansado. Se derrubar o muro é uma cirurgia de emergência, transformá-lo em parede é uma *medicação homeopática* . Sem muitas transformações físicas, o muro se dissolve em algo que, ainda que confuso, acolhe. A casa, o quarto, a sala, não são lugares de apenas conforto, mas de acolhimento de todas as angústias, de todos os suspiros. Por isso a casa, o quarto e a sala são lugares carregáveis além do muro. Suas paredes são visíveis, mas não aparentam-se como os tijolos de concreto firmemente empilhados, muito menos com as grades farpadas e enferrujadas, elas são marcadas com corpos. Transitam ou não; as paredes são corpos.

A parede que se torna casa àqueles qual a casa não é mais lar. As paredes se tornam muro; o quarto agora é o mundo. O que está além da fronteira do muro se torna lar. Assim geografia se contorce para adequar-se aos afetos. Uma *ontrogeografia*[1] surge para lidar com as fronteiras infinitas que o habitar e o mundo lidam e geram.

8 Março 2017 ·
O corpo é um imóvel e tudo que há de ruim dele faz parte do mobiliário.
01h44: (continuação) Será que este projeto não se tornou uma grande e inútil pergunta retórica?

1. Na música outro é a nomenclatura para a saída instrumental de uma peça musica. Contrário à intro, outro é uma conclusão, um fim, com uma queda até o desaparecimento total do som. Onto é uma indicação de movimento; deslocamento até uma localização específica. Ontrogeografia seria a prática em movimento de uma demarcação sempre transitória, nômade, inquieta e por muitas vezes errante.

8 Janeiro 2016 ·

Quando o berço é uma bala dourada.

00h09: **FRACASSO**

00h10: **AFETO**

"Eu desisto todos os dias".
Lia, líder da associação Vila Nova Esperança, respondendo uma pergunta sobre o que faz ela querer desistir e se ela já havia sentido vontade. – no texto de mesmo nome escrito por Ricardo Terto.

Das coisas que tomam ação de mim e por mim
(**Como observar um iceberg**)

———

Há um tempo venho enfrentando as consequências de ser quem eu sou. Algo de mar. Mas ainda assim não ele.

———

Nessa sexta, amanhã, completo algumas 24 voltas ao Sol. Ou um singelo dia comum de aniversário. Dessa vez vai ser o meu primeiro ano livre uma das grandes barreiras que me prendiam por tantos anos, desde pequena... desde o amanhã. Porque ele vem. Até então fui seguindo e tomando as ações de outros como meu escudo. Eu não iria levantar minha voz para dizer quem sou. *Não quero perder seu amor.* Eu não gritaria quem sou. *Eu não quero perder sua amizade.* Eu vou me machucar, encolher, recolher, porque o que importa é saber quem sou. E mal sabia, mal sei. Porém tomo fôlego e grito submersa quem eu sou.

E as águas envolvem, me envolvem, com força. Mas o mar corta como facas. Então tomei a decisão de lutar contra eles, não comigo mesma.

———

Há um tempo venho vagando sem lar. Algo em relação a lua. Mas ainda assim artificial.

———

Vinha de longe sorrindo porque o carinho parecia melhor que o respeito. A dignidade parecia distante, mas o passar do tempo poderia levar a algum lugar. Infelizmente, depois de algumas caminhas violentas, percebi que não. O tempo em si talvez, mas esse tratamento vago, insensível, egoísta e fraco me guiava para um lugar escuro sem estrelas. (Bla bla bla.)

Essas agressões cotidianas me fizeram perceber que se nem @s amig@s vão prestar atenção em como me tratar

_____

Como nós tratar , todas nós, trans, pessoas queers, fluídas, agêneros, todas.

_____

Imaginem desconhecidos.

_____

No lar, isso é pior. Ser motivo de ódio, rancor, ter seu lar negado, é um sentimento que não desejo ao mais agressivo pássaro. Sou trans, disse a ela, sou aquela pessoa que tantos têm rancor/ódio. Sou aquela que tem amigos que anulam quem ela é – todos os dias – por uma suposta dificuldade. Como se morrer fosse difícil, como se amar fosse difícil. Em qual desses se encontra o respeitar?

Continuei, disse, calada, por dentro, sou essa que se vê em suas fotos jovem. Um grande pedaço de gelo de eras atrás. Sou essa, ela, aquela, a, as, elas, outras, nossas, minha, sua, dela, ela, ela ela ela elaelaelaelaelaelaelaaaaaa.aA.A.–Pronto.todosas palavras, nem todas, estão aqui –

Hoje, há uns 24 anos, recebo o silêncio do amor dela confuso, frágil e destrambelhado. Nada cuidadoso. Mas hoje, a partir de hoje (pelo ontem e para o amanhã), não vou deixar de me respeitar. Mesmo que os mais próximos, junto dos mais desconhecidos, me maltratem. Se enganem. Não percebam. Não se importem. Vou ser ela, a que sempre fui, vou ser aquela, talvez mais um pequeno número nas conquistas de espaços ou nos vazios deixados... mas vou tomar a ação de me entender como pedras de um lugar bem longe, ainda mal explorados, de sal ou cristal, talvez no fundo desse mar que eu tomo por mim... Como um iceberg.

Vou ser ela. Essa.

Eu. Que já sou. Que sempre fui e sempre transitarei. Fluída e firme. Não vou deixar que esses momentos de desgelos sejam desrespeitados por mais ninguém.

Das ações que tomo por mim, por elas, por nós. No meu mar.

19 Abril 2017 ·
DISFÓRICA, RAIVOSA, MÁ INTENCIONADA, O DEMÔNIO
(NÃO) TEM CORPO
23h14: acorda

5 Maio 2017 ·
BATALHA
01h28: agradecer pelo afeto – GRANADA.

15 Fevereiro 2017 ·
Insisto nas ações rudes que encontro comigo. Não devo, mas escondo todos os espelhos para que não veja beleza na raiva e que não me apaixone por mim mesma. Odeio, porque sei que abrirei meus braços amanhã para todas as violências escritas como amigos, amores e desconhecidos. Volto em meia hora, o tempo em que a pedra leva para saltar da ponte.
01h12: (um minuto)

10 Junho 2015 ·
Sic. De terra, a terra, não se faz ar.
E eu te conheço mais por me conhecer menos.
E (fim) me esbarro com quem eu não me conheço (Sic).

As plantas vão e voltam

Quarta-feira, dia 07 de Junho de 2017

Hoje conheci o senhor Antônio, também conhecido como Tonho. Ao menos é o que eu ouvi quando me disseram que era só seguir o caminho pra dentro do mato do viveiro da prefeitura da Universidade de Brasília. "*Lá vai estar o Tonho, baixinho, branco*" E lá fui eu, entre a diversidade de plantas que compunham um esquizofrênico jardim rodeado de gigantescas árvores. E entre as folhas estava Seu Antônio, de olhos fundos, sorriso sutil, preparando um montante de terra na peneira.

Conversar com o Antônio não foi diferente do que eu esperava: uma incrível troca de saberes entre plantas e burocracias. Ele me explicava, logo após que levantei minha vontade de conseguir algumas mudas para meu projeto de diplomação, como funcionam os processos burocráticos para isso. Com uma voz suave e sempre focando em cantos do jardim para conseguir me explicar da melhor maneira, ele parecia se concentrar nos seus arquivos mentais tudo o que poderia me elucidar em relação aos jardins da universidade. Meus interesses com os prédios do campus Darcy Ribeiro, as áreas verdes e plantas dentro das secretarias e principalmente na reitoria, não pareceu algo absurdo. De fato, Antônio dizia que mesmo que com toda burocracia qualquer pessoa, aluna ou professora, tem o direito aos jardins e suas plantas. Me questionei se ele e tantos outros funcionários estavam inclusos aos direitos de jardim. Como poderia Antônio se excluir aos jardins no qual trabalha a mais de 37 anos? Concluí, enquanto ele me falava sobre as plantas que eu havia fotografado da reitoria em meu celular, que todos têm esse direito. Provavelmente estivesse enganada, mas prossegui a conversa.

Um dos pontos que mais me chamou a atenção é que as plantas que falamos sobre, uma vez que plantadas e crescidas nos jardins, retornavam para que de seus galhos fossem retiradas mudas. Antônio descreveu o processo repetindo diversas vezes: *elas vão, voltam, viram mudas, vão, são plantadas, voltam, vão, voltam, viram mudas*. Quase como toda documentação nos diretórios e secretarias da universidade, o movimento que imaginei das era tanto labiríntico como maquinário. Nada novo retirar mudas de plantas, mas imaginar que o processo entre uma etapa e outra é sempre um novo documento, um novo pedido; das práticas de demandas papeladas que estão invisíveis aos jardins. Uma pilha de plantas e um viveiro de papéis.

Estar presente entre tantas plantas, mudas, estufa e pilhas de terra me deslocava o pensamento a muitas coisas além de toda papelada, de tudo que Seu Antônio me explicava e o que eu pretendia fazer ali. Concentrar nos nomes das plantas e suas especificidades me levava a pensar meu corpo e o que visualmente dele escapava aos olhos daqueles que me só com os olhos me entendiam. Das pilhas e pilhas de documento que configuram quem eu, estatalmente falando, sou e o quanto ainda essa documentação toda ainda escapa em dados. E, melhor dizendo, o quanto nada atesta e pouco acolhe. Assim como toda planta ali descrita pelo Seu Antônio seguia uma logística numérica era preciso entender que o que aparentava ser um caos era regido por uma organização invisível ao primeiro olhar de quem olha um jardim qualquer. Ali os grupos se ordenavam entre plantas das mesmas espécies, ou tamanhos, mudas de pesquisas de professores, inclusive mudas raras no cerrado, e as plantas que estavam diretamente plantas no solo. A paisagem sonora também sinalizava que o jardim, na verdade um viveiro que supre os jardins da universidade, não era um oásis no meio do deserto. Nunca fui à um oásis antes então ao menos não um oásis cinematográfico do

nosso imaginário hollywoodiano. Barulhos das oficinas de marcenaria e serralheria instrumentavam os pássaros e as vozes dos funcionários da prefeitura finalizam liricamente o conjunto musical.

Jardim Burocracia
Eva é travesti

Conheci Geraldo porque era com ele quem eu deveria falar. Essa é uma frase recorrente em quase todas as instituições, mas por algum motivo eu não imaginei que teria "alguém que eu deveria falar" para conseguir algumas mudas. Imagino que o fato de ter circulado entre os jardins do reitoria e os vasos de plantas dos escritórios e salas tenha me familiarizado com a ilusão de que as plantas ali cresciam como as outras nos arredores da universidade. Totalmente ilusória essa noção de que plantar seria apenas uma ação do cultivo e estética do espaço, tanto para uma saúde do ambiente quanto para a saúde dos olhos. Plantar na reitoria, a jardinagem do espaços burocráticos, era só mais uma burocracia. E era com Geraldo que eu deveria falar sobre esse jardim burocrático.

Diferente da atenção repetitiva de Seu Antônio, o *Doutor Geraldo* me fitava com um olhar confuso. Outro confuso, porque Seu Antônio também me acolhia em sua confusão. Nossa conversa era tensa, uma pergunta era preciosa à outra pergunta que no fim só retornava para confirmar as reais intenções; tanto minhas quanto as dele. Assim como tantas conversas em salas divididas por paredes falsas, maçanetas pretas e divisórios de vidro eu senti que nada foi feito. O que sempre parece é um *esclarecimento* de ações que poderiam ser outras, orgânicas, acolhedoras. E aqui o orgânico estar distante do jardim me parece responder muitas questões; como por exemplo o fato de conversas burocráticas, formais, com ares rarefeitos, aparentemente sempre acabarem em sorrisos. "*Obrigada, obrigado, até mais, inté*" , sacode-se as mãos, sorri-se.

Dali nada se tira, nada é doado, nada é para consumo senão para os jardins da universidade e pesquisas docentes. Obviamente tal rigidez escapa o cotidiano dos funcionários do jardim que sempre comentavam sobre interesses em certas plantas e quais finalidades eles dariam à elas. Exista sempre um potencial da quebra burocrática pelo afeto, mas seria preciso muitas outras idas e vindas para que ela se aplica-se a mim; um corpo estranho, que crescia logo ali, mas ainda distante. Poderia insistir mais nas insinuações de clandestinidade, mas não quis me tornar mais descolada do que já estava sendo. Todo o conhecimento que surgia da atenção de Seu Antônio me parece ainda distante do meu corpo que se animava sempre em conseguir as plantas. Eu queria as mudas, perguntava sobre as mudas, ouvia sobre as plantas e seus cuidados, mas, em um trocadilho esperado, me mantive muda ao que realmente queria dizer. *Seu Antônio, vamos bombardear os arquivos com mudas? Substituir os computadores por vasos de plantas, ou melhor, plantar nos computadores. As mesas vão apodrecer por causa da água dos vasos, a umidade vai manchar as paredes e tudo vai distopicamente virar um grande jardim. O que você acha?*, mas acabei sorrindo e confirmando, "*até mais* ".

De volta para o futuro
Segunda-feira, dia 19 Junho de 2017

De volta para a sala onde conheci o Geraldo, o diretor com quem eu deveria falar, me deparei com o plantinhas decorando o balcão que ficava entre quem entra e quem encara os computadores. Antes nenhuma planta habitava aquele local, mas agora uma meia dúzia de plantinhas

decoravam o espaço. Imediatamente me perguntei se algum documento foi gerado para que essas mudas fossem plantas. Ou se Geraldo foi falar com Seu Antônio e voltou com um jardim interno para a sala da chefia.

Geraldo não estava lá, e se estivesse não recordaria seu rosto. Ou talvez lembrasse imediatamente, não sei dizer; mas um estranho alívio se misturou com uma preocupação. Com quem eu iria falar, quem seria a pessoa que *eu deveria* falar? Um senhor moveu o rosto do computador e me perguntou "*pois não?*". Alguns longos números, algumas datas pronunciadas e uma impressão A4 depois estava eu de volta ao Jardim Burocracia. Devidamente equipada de um sorriso no rosto, uma autorização na mão, me senti confortável para falar com Seu Antônio com maior liberdade. Me recordo de uma situação comentada por Bia Medeiros, *artista-professora-coordenadoradogrupocorposinformáticos* , em uma aula de performance, na qual em uma ação dos Corpos Informáticos de encerar a rampa da Congresso Nacional em um *carnaval-carna-caos* , logo após a chegada das *autoridades policiais* ela seguia uma caminhada lenta e confiante com um com um papel A4 autorizando a ação. No caso, redigido e assinado por ela mesma.

Seu Antônio repetia que agora era eu quem mandava. O que gerou um desconforto da minha parte, mas tive que manter a mesma abertura para que eu não me tornasse agora mais uma autoridade opressora. A partir dos ziguezagues no jardim Seu Antônio agora voltava a me indicar e opinar nas nossas escolhas de mudas. Entre os tamanhos, as mais saudáveis, voltamos a conversar sobre os cuidados que deveria tomar com elas. Dessa vez, sentia que o conhecimento ali me pertencia além do que o papel que foi me dado autorizava. Ainda em desconforto, mas mais próxima do jardim em si, deixei Seu Antônio, e ele me deixou também, livre para ao espaço ocupar.

Mesmo que tenha obrigatoriamente recorrido ao documento que tanto me falaram necessário para conseguir algumas mudas, segui uma investigação do olhar por outros espaços que já não era mais as plantas, e sim as pessoas. Seu Antônio já co-habitava meu Jardim Burocracia, mas toda movimentação na Prefeitura começava a me instigar e crescer em mim. Esse processo eu descreveria como parte da potência do deslocamento de um jardim ao outro, uma prática de plantar, desplantar, tirar uma muda, *replantar*. De repente estava transpondo jardins burocráticos por jardins afetivos e jardins afetivos para espaços burocráticos. E com o auxílio do carrinho de mão que Seu Antônio carinhosamente me emprestou.

Emerson
1. ato de emergir, de vir ou trazer à tona.
2. astr. fenômeno da reaparição de um astro depois de ter sido eclipsado pela sombra ou interposição de um outro.

Emerson II
1. ato ou efeito de imergir(-se); imergência, submersão.
2. astr. momento do desaparecimento de um astro, ao ser ocultado por outro

Emerson III
é um nome formado por dois elementos germânicos. O primeiro é o mais difícil de encontrar. Pode ser um de três: ermen, que significa "completo" ou "universal"; arnal, que quer dizer "trabalho"; ou heim, que significa "casa". O segundo elemento é ric, que significa "poder".

Os possíveis significados completos do nome Emerson são: "filho do que tem poder universal", "filho do poder do trabalho" ou "filho do senhor da casa".

Emerson IV
E lá vai o Emerson subverter o mundo pelo olhar

27 Outubro 2015 ·
Às vezes as plantas parecem pessoas na chuva.
00h09: A resposta foi era apenas eu mesmo.

9 Outubro 2015 ·
As raízes da árvore não impedem que ela morra.
21h19: A relação com o quadrado é basicamente inútil com relação
ao túnel.

2 hrs · 2016 ·
Todas as linhas que cercam a árvore também cercam o resto de nós aqui
10h03: O desastre é uma porta aberta.

Jardim Burocracia
Aqueles que impedem que se consuma o conhecimento, impedem que o conhecimento alimente a barriga e pouco importa qual saber ele tem; o corpo tem fome e deve saber. E caso o corpo não saiba que ele se alimente do desconhecido.

Jardim Burocracia II
Desobedecer para ter ciência que o corpo está nu e que ele se aproxima das árvores ao redor; que o corpo é planta, flora que deve tocar o ar pela derme, romper a superfície da água com os lábios, pisar o chão com o chão do pé.

Jardim Burocracia III
Foi desobediente e tomou para si a iniciativa de conhecer seu corpo. Eva transou sozinha, com a cobra entre as pernas. Eva é travesti!

Evaporar I (**Ou possivelmente uma pergunta sobre lágrimas**)

Venho me perguntando se somos parte do ar, também.

Se somos água, e estamos no mar (o mar é o lugar onde existimos e consecutivamente ele também) como evaporamos?

Evaporar, dar-se lugar onde não há gravidade, nem como ação ou força, mas como sonho. Moléculas inquietas, agitadas, sonham com a terra e voltam pro mar (chuva?).

Evaporar e não ser mais um limite, mas outros limites, mas não só um. Esse que escapa as mãos que fracas não seguram o mar. Duras, não partem do que seca, evapora, para o que condensa – retorna água–. Deixar-me evaporar também, não querer o mar por ser uma força...

Quero que o mar seque, ainda serei mar.

?

... Quero me tornar a água que evapora da onda que quebra antes de chegar à praia.

Não quero ser forte. Alcançar o céu. O seu. Quero ser um corpo-ar. (Me pergunto se existem outros ar-corpos. Não movimentos ou forças que validam o ar e lhe dão um corpo. Um vão e vago ar-corpo.) Ser puxada para o pulmão. Dar-o-respiro-para-alguém.

Quero afogar de ar.

(Sem)Paraquedas

Tenho medo de ficar sem ar e ser só água. Não que isso faça sentindo, mas que a sensação continue desconexa dos lugares reais e eu possa ser ar, evaporar toda minha água e desistir, Voltar ao mar. Ou não. Poderia evaporar e não ficar ou retornar à nada. Evaporar e ser mar, nuvem, que perde a forma aos olhos que a admiram.

Não sei; Evaporar; não sei; ar; não sei; mar; não sei; se me escrever isto basta; logo isso me parece evaporar. Então é possível que as palavras queridas não sejam o mesmo lugar que o ar tem de afeto.

Ar-corpo I:

Quando passo pelo pulmão me torno mar e minhas ondas quebram e viram o céu.

10 Maio 2017 · ·

As práticas da ausência são sim práticas da morte. Ausentar-se corpo, orgasmo.
Suicidar o indivíduo, sociedade.
Evaporar, amar.
21h50: Hoje eu me preparei para a aceitar que minha existência é feita de guerra e teu amor ainda não feito. Políticas de uma vontade outra. Sorri, gaguejei desejando à ela uma boa noite. Ainda não chorei, mas agradeci por ter vontade de rezar. Agradeço por ter fé como gasolina para ver tua violência queimar.
21h54: das bruxas que ainda existem: elas não tem útero!
(Apagar)

Queime depois de ler

Sem evidências do que se contamina há doença? Ou destrua toda biblioteca da opressão queime o ministério, quebre as vidraças.

Em defesa da paisagem
(**movimento contra topografias afetivas**)

Desejo em minhas palavras encontrar um espaço que defenda o encaixe da matéria com o ser, para isso, inicialmente, desejo que minhas palavras iniciem uma guerra. Longas marchas, mata fechada, esquivos estratégicos, guerras como essas habitantes de diversas paisagens que vieram a se tornar pintura. Venho em defesa do espaço que, ainda hóstil, acolhe.

O corpo que se nega em retratos íntimos imediatamente é reposto na paisagem. E em sua defesa levanto lanças em direção ao céu; lentas elas se tornam paisagem à minha existência (morte). A paisagem se apresenta seja qual for sua circunstância. A paisagem acolhe todos os corpos. Os corpos não acolhem a paisagem. Venho em defesa dos corpos jogados à paisagem.

Cavo buracos à margem da paisagem contra os corpos que acolhem pelos afetos.

A paisagem consome toda matéria, decompõe em si e a si um único movimento (movimento complexo e heterogêneo; dissolvente e fluido, direcionado e em deriva).

Deve ser negado qualquer marcação no solo pelo/para/do/ou à partir do solo e seu território. A paisagem não será demarcada pelo sujeito e suas pegadas. A paisagem é o sujeito, suas pegadas e seu retrato.

Não deve haver Topografias Afetivas, pois os afetos dirigem suas marcações como máquinas de escavação. Não são réguas, mapas de chão e números em dados que domesticarão a paisagem. As marcas do afeto não transformarão a paisagem em limite ou fronteira; a paisagem é sua própria (não-)fronteira, mas seu próprio limite de ser infinito (in-finito) movimento à frente, Fronte.

Nenhuma paisagem ou corpo em paisagem deverá ser descrito pelos seus acidentes naturais ou artificiais. Nada será marcado por suas estradas; ninguém será marcado como terreno ou região de afetos.

Nenhuma paisagem deverá/será marcada topograficamente em suas costas, para no fim virar uma estrada-mapa-guia de afetos, quebrando o acolhimento da paisagem em si.

A paisagem deve permanecer em seu movimento deslocado/desassociado da sua região. Ela seguirá em sua auto-aquiescência de ser. (A paisagem não impede e não coloca obstáculos ao ser e sim eles mesmos à “eles mesmos”, até mesmo como paisagem.)

A paisagem seguirá o seu poder acidente geográfico.

19 Março 2016 ·

Ao pertinente sono do mundo(...)
16h29: Admiro e temo o peso de todas as correntes que os ambulantes ainda precisam usar para assegurar que seu comércio transitável sobreviva.

Curto-circuito

Venho me perguntando quais os limites entre um corpo e o outro; simplesmente para desafiar a física. Ou talvez para negociar novas leis à física existente. Ou as leis físicas já vigentes negociam com os corpos. Enfim, não me interesso pela certeza de quais são as leis em si, mas sim seus rastros. A potência aqui é a questão e seu ecoo sem resposta:
Quais são os limites entre um corpo e o outro?
Qual e o quê seria esse outro? Outro corpo?
Se o outro não for um corpo, seria um conceito?

Dispersão e atenção

Não confiar em todos elementos, mas se aproximar com a atenção de quem observa uma borboleta no jardim. Não se prender à uma prática atenciosa demais como quem desarma uma bomba; entender que sempre haverá vazios nos espaços.

Double agents

A gente transforma e cura o mundo pelos arredores.
A gente adoece e agride o mundo pelos arredores.

Para tirar o corpo dos diálogos em autossabotagem

Quando falamos em saúde, mas nos perdemos em questões de higiene. Para que a saúde, assim como a arte, deixe cada vez mais de ser visual.

Quando exigimos direitos, mas nos entregam ao controle como única possibilidade de configuração cosmopolítica.

Quando nos entendemos em transitoriedades e criamos mapas que andam não sejamos questionadas sobre nossa existência.

16 Maio · 9:13 ·

Silêncio nas águas:

Por torturante que seja temos que entender a transposição dos rios como uma violência esperada. E engana-se aquele que pensa que falo dos rios no solo, com peixes e famílias ribeirinhas. O impacto é óbvio, a violência anunciada e cumprida. Digo isso porquê quando se transfere de forma irresponsável o fluxo de algo em todas as suas áreas potenciais para outra com intenção de aproveitamento por uso exarcebado, bom não dá.

Desertificação do sentir:

Alguns dias seguro o choro como escudo contra o silêncio. Tenho sonhado com seu rosto, mas de costas. Tua nuca. Montanha na qual a passagem sempre será paisagem, nunca ambiente. A distância entre o olhar e teu rosto, digo, tua nuca, me aperta os peitos. Não serei mais guia, não há mais caminhos ou contos sábios que eu possa espernear para entender o que há além dos olhos nesse atual deserto. Não é óbvio que aquelas que despreparadas quando abandonadas ao deserto enlouquecem? Respiro fundo, me deito ao chão; o solo frio acalma porque a noite no deserto é um manto. Encontros de um caos:

A língua falha a linguagem morre o corpo não é palavra a saudade é um sentimento regional perto do peito entre o maxilar os encontros aleatórios são cordas entre cavernas escolhas. Não há drogas que anestesiem o cosmos não há tempo bem oráculo o sussurro nas costas um peso enorme o espaço que ela investiga me faz sorrir apatia como antídoto para quem não ama. Não irei partir eu fico um único mês sem linhas verticais no braço o horizonte vermelho do ver os olhos se cegam por fisiologia doença doentes o raio o relâmpago o trovão matéria incerta desistir persistir entre a ilusão é ir partir abandono à morte do sentir o luto como único atestado do amor.

09h13: repetir

Queime antes de ler

Não deixe que o que você lê supere a curiosidade do que se irá ler.
Faça a sua leitura da sua não leitura.

13 Fevereiro 2016 ·
Ê um recorte bem simples, sem um significado especifico, de uma imagem de um pássaro voando no céu com nuvens cinzas.
15h00: Longas raízes que vão...
15h02: Com a mão cheia de vontade de apertar.

21 Agosto 2015 ·
Ontem nada foi postado mas o texto foi editado.
22h53: me mostre três possibilidades (editado).

Evaporar II (**Alguns segundos de olhos abertos**)

Não seguindo uma linha desenhada ao céu, nego qualquer dúvida que possa transparecer outra dúvida. Talvez esta seja uma prática desconhecida ao que venho querendo entender sobre "evaporar": transparências.

Evaporar e o vidro não condizem. O reflexo do transparente sim. A sobreposição do vidro sim. As rachaduras e a cegueira do sol na água, sim.

Evaporar não tem a ver com cegar. Nem cegueira. Evaporar é um processo que mesmo invisível não se nega à visão. O que vejo em relação ao que não vejo também é ver; a cegueira ao evaporar é forma de visão. Talvez, novamente a incerteza, seja a cegueira sim e ponto. Sem dúvida. Mas diria que não.

Venho ao longo de oito anos perdendo a qualidade da minha visão. Aos arredores do que meus olhos enxergam vejo outros. Os mesmos, mas diferentes. Quase vultos ou rastros. A luz aqui chega mais cedo e tal presença atrapalha. Há mais tempo para cansar, logo, não ver o invisível já é ver em si. Para mim. E parto de um lugar da visão como ferramenta precária, mas ainda uma forma de localizar. Ainda não "envulto" o que vejo completamente, mas não me satisfaz necessitar-me da visão para relacionar o meu tempo e o tempo da luz.

O asfalto por exemplo; quente, mar, brilho que cega e leva ao mar. Evaporar é das práticas da morte. Daqueles que suicidam. Não sei descrever ao certo como, mas talvez não seja um local da palavra mas da não dureza da matéria. A linguagem é dura e não evapora. (...) mas como o asfalto, de si evaporam.

Quando escrevo aqueles, sobre aqueles, excluo as mulheres. Excluo as outras. Ou a linguagem exclui. (Alguém.) Sendo assim, sendo mulher, me excluo. E sou exclusão. Aqui a morte evapora. A linguagem evapora. Os olhos não veem. (...) E sou. E se sou, sou exclusão.

11 Novembro 2015 ·

A palavra errada enche o peito pra sair.
00h21: O choro tem que vir de algum lugar!
(Que o real nunca vire espetáculo)

2 Fevereiro 2017 ·

Queria uma escrita mais banal. Queria três agulhas. Queria uma estrela no canto do olho esquerdo; (apagado)
23h20: com certeza a exclusão é o principal motivo para a felicidade.
00h26: (repostado) O carro de som, o carro da lobotomia, o carro que leva, o carro invisível, o carro de um farol só, o carro que trouxe a transfobia, o carro pesadelo, o carro que me atropelou.... uma lista de carros. – Loucura.

———

Alla Além: respirando a brecha dá conversa eterna na mesa do bar pra estar aqui com vc. respiremos. não vou apagar. agora já passado.
(0:54)
Yná Kabe Rodríguez Olfenza: Como que pode o sopro ser algo tão importante? Sopro demais sufoca, sopro de mais voa, sopro de mais carinho... respiremos, disse bem ou mal. É isso. (0:58)
Alla Além: ... não entendo entres; entro (1:00)
Yná Kabe Rodríguez Olfenza: ! (1:01)

Quem pode falar?
Grada Kilomba

I. UNIVERSAL VERSUS ESPECÍFICO

Essas questões precisam ser feitas porque a academia não é um espaço neutro. É sim um espaço branco onde o privilégio de falar têm sido negado às pessoas negras e não-brancas. Historicamente, esse espaço vem construindo teorias cujos discursos tem nos construído como inferiores, ou seja: "outros" – localizando africanos/as em subordinação absoluta ao sujeito branco. Aqui nós temos sido descritas, explicadas, categorizadas, relatadas, expostas e desumanizadas.

Em meio a essas salas, nós temos sido construídas/os como objetos, mas nós raramente temos sido sujeitos. Nesse sentido, a academia não é nem um espaço neutro nem simplesmente um espaço de conhecimento e inteligência, de ciência e compreensão; a academia é também um espaço de V-I-O-L-Ê-N-C-I-A.

A posição de objetificação, que é normalmente ocupado por nós, o lugar de Outridade, não indica uma falta de resistência ou de interesse, como geralmente acreditam, é muito mais falta de acesso à representação de negrxs e não-brancxs por si mesmxs. Não é que nós não temos falado, mas as nossas vozes – graças ao racismo como sistema – temos sido sistematicamente desqualificadxs pelo que a academia entende como conhecimento *válido*. E mais: nós temos sido representadxs por brancos, que, ironicamente, se tornam "especialistas" em [nossa cultura] e nós mesmxs. De ambas as formas, estamos encarceradxs numa hierarquia colonial violentíssima.

IV. DOR E RAIVA

É evidente que falar sobre essas posições de marginalidade evoca dor, desapontamento e raiva. Elas são reminiscências dos lugares que nós "dificilmente podemos entrar", "os lugares em que nem podemos chegar" assim como "não podemos permanecer"

Essas realidades podem ser faladas e teorizadas. Elas devem ter lugar no discurso, porque nós não tratamos aqui de "informações privadas". Assim, o que parece "informação privada" não é privada de tudo. Não existem histórias pessoais ou reclamações íntimas, mas consequências do racismo. Essas narrativas refletem a realidade das "relações sociais" em meio aos espaços acadêmicos, o que deve ser articulado tanto à teoria quanto à metodologia.

Portanto, eu chamo para uma epistemologia que inclua a subjetividade e o pessoal como parte do discurso acadêmico, para que possamos todos juntos falar de um espaço, lugar e tempo específico, de uma realidade e história específica (HALL, 1990), não há discursos neutros. Quando acadêmicos brancos reivindicam um discurso neutro e objetivo, eles não reconhecem o fato de que eles também escrevem de um lugar específico que, certamente, não é neutro, nem objetivo, nem universal, mas dominante. É um lugar de poder.

Então, se meus escritos incluem emoções e subjetividade como parte do discurso teórico, eles, então, relembram que teoria é sempre localizada em algum lugar [porque] sempre é escrita por alguém.

(Tradução: Anne Caroline Quiangala) disponível em http://www.pretaenerd.com.br/2016/01/traducao-quem-pode-falar-grada-kilomba.html)

ESCREVO COM AS MÃOS CHEIAS DE PEDRAS

A escrita é muitas vezes uma das poucas formas que eu consigo me ver. Ou melhor, uma das poucas práticas que me auxiliam no processo da visão.

E esse processo pra mim é uma total queda. Vejo então, quando escrevo, o teto. Não ponho nessas palavras um saudosismo ou qualquer outro sentimento ligado à ter, conter, haver, conseguir. Mesmo que seja no passado. O processo de escrita não funciona como um processo de saudades, suspiros ou conquistas. Do alto da primeira palavra só vejo o fundo do mar. E nele não vejo o fundo. – Nem quero. – Falo mais do segundo em que a cabeça se angula diante o canto, lentamente se voltando para o céu, até o primeiro centímetro do crânio que se parte ao encostar o chão. Mas o chão ainda não é o fundo.

Imagino um processo mais turvo, mas minhas dúvidas durante a escrita se transformam nelas mesmas e logo mais (logo menos) esqueço-as. Esqueço do quê, para quem, de onde e aonde. Da língua, da linguagem, de mim ou de outro, não lembro de nada. Até o momento em que falho com os olhos, ou noto que falho – costumo pensar que escrever é um processo falho de origem/ inventado para ser sempre essa coisa errônea, pouca, catastrófica... –.

Esse processo vem me mantendo em queda. É o momento absurdo em que todas as pessoas reunidas para ver um meteoro piscam sincronizadamente e perdem o rastro do acontecimento que já vinha a passar, a acabar. Quero dizer, perdem o que nunca existiu. E se pensarmos mais carinhosamente, perdem o que corrompe mas nutre a (estranhosa) palavra esperança. Os olhos fechados libertam e não precisam estar fechados. Não há tempo mecânico que sobreviva a escrita, a queda, a escuridão. A escrita vem me libertando do tempo que dói, corrói, do segundo racional com o fundo e a cegueira do sentir que forçar os olhos para, supostamente, enxergar melhor causa.

Nesse pensamento confuso, mesmo que não queira por meus pensamentos nas frágeis mãos de fracas e covardes palavras, me atento aos acontecimentos que doem mas giram os meus olhos. E me pergunto sobre o que não estou escrevendo e porque não estou me dispondo a falhar com isso? Com a mão fechada solto uma pedra que supostamente carrega até o chão minhas dores mas, como a escrita, deixo-a cair antes do momento certo.

O que você não escreve e o que vem escrevendo e o que isso diz sobre seus processos de falha/queda?

"2 de maio de 1958 eu não sou indolente. Há tempos que eu pretendia fazer o meu diário... eu fiz uma reforma em mim.
Quero tratar as pessoas que eu conheço com mais atenção.
Mas eu pensava que não tinha valor e achei que era perder tempo.
Quero enviar um sorriso amável as crianças e aos operários."
Carolina Maria de Jesus

17 Abril 2017 ·
A ideia de tempo para a maestria do instrumento e o assassinato de uma mulher por outra mulher.
23h37: Duas horas perdidas em linguagens de sinais
(Anteriormente às 18h00: o problema da linguagem contra a linguagem intimista do chorar)
23h39: 147.7

20 Março 2017 ·
Só para resumir que as coisas doem
11h12: Estou a alguns dias tentando fazer uma coisa que não necessariamente sei bem o que é. Ontem eu falei dela como se fosse saudade, mas nenhum coisa hipotética como um sentimento (mesmo que ele seja real, porque os sentimentos são reais mas imateriais) parece sinalar o que a real ação é. Vem da vontade de bater a cabeça na porta, de cavar um buraco, de ligar vários aparelhos em uma mesma tomada.
11h15: Escrever isso com palavras que eu goste porque eu não gosto deste texto

16 Março 2017 ·
Eu sou fraca e quando me dizem que sou forte me sinto mais fraca porque algo parece negar o que somos, onde estamos e o que está acontecendo. Seria a inevitável e eminente morte de todas nós a única afirmação que somos. Seria voltar à natureza nosso lugar de real força? Enfim, queria ter dito à elas que somos fracas enquanto matérias mas somos apenas essa distância entre os vaga-lumes e a escuridão; duas coisas extremamente necessárias para existência.
21h09: a culpa é uma resposta, talvez violenta...
21h11: (atrasado) ela deve estar se sentindo mal, eu sei. Eu não tenho como estar ali para cair

Conversa
A experiência de ouvir (o outro por não saber falar de onde se está)

PROCESSO SEM TÍTULO PROVISÓRIO

com Heron Prado
e Kabe Rodríguez

I: Pesos e medidas

Se contar todos os documentos que somos, somos uma pilha maior de papel ou uma pilha maior de carne?
Maior de papel mas mais pesada de carne.

Uma pilha de papel que libera o massacre da população indígena no Brasil pode ter mais tinta vermelha que os documentos providos das propinas das grandes redes de frigoríficos em aval para suas práticas anti-sanitárias. O quanto de sangue não é um atestado mais valoroso, e por isso, mais pesado para a gente? Damos o sangue, derramamos sangue, filho de sangue. É um peso, um documento que escorre.

Quando o corpo burocrático se transforma em escultura?
Mantendo em vista que a quantidade de dificuldades (ou mecanismos dificultadores) na burocracia sempre excede a de facilidades (ou mecanismos facilitadores), poderíamos pensar em uma escultura de tensões de matérias. Das esculturas modernas, entre hastes de ferro sustentando um bloco de concreto.
As formas rígidas, apreensivas ao olhar, que visualmente nos afirmam: não mova.
[offline]

Não gosto de diário, mas acho difícil fugir do formato para documentar-se. Se o diário for a única forma de retomar o controle de como se documentar, defendo a prática do diário como manifesto de liberdade. Aprisiona-se fora do diário tudo aquilo que insiste em nos aprisionar em documentos. O diário é o documento que temos total controle (talvez total liberdade para um descontrole – ***onde a ética cutuca quando inventa-se?*** (***em contos***) –) e nele tudo é verídico e lúdico. Não há fronteiras nem muros, mas uma tensão de que o sigilo seja rompido. Uma tensão de golpe de estado, eu diria.

Quais procedimentos devem ser efetuados para o RECONHECIMENTO EM CARTÓRIO dos fatos de um diário?
O boletim de ocorrência seria uma prática de diário dentro das leis vigentes para proteção do cidadão. Mas sabe-se que a burocracia também se auto-nega quando a bem entender. Um b.o. pode servir à nada além de estatísticas. Então talvez reconhecer os fatos de um diário em cartório não os atestem além de literatura carimbada.
Quero que entendam que minha autoficção é o que existe de mais verdadeiro em mim.

quem sou eu, senão o que imagino ser?
notas sobre incorporar: torno-me.

Quais as possibilidades do corpo enquanto diário conseguir escapar às mãos que insistem em abri-lo para fazer uma leitura perversa?
Penso que provavelmente existir e resistir às *desficcionizações* do poder ao nosso diário-corpo venha se tornar um torrent. Ou um link para um arquivo incompleto. Talvez a primeira opção seja menos pessimista e mais próxima do que já praticamos. Do compartilhar os afetos enquanto contracorrente às taxações e opressões, das autoficções compartilhadas, das drogas ilegais que constantemente afirmam e libertam o nosso corpo político.

Quanto a leitura perversa do intruso faz com que o diário torne-se um objeto perigoso? *Uma faca em palavras que só pode ferir quem as proferiu.*
Talvez fosse mais interessante pensar quando e não quanto porque o diário, que é um atestado íntimo de ser (e do ser), é uma ferramenta

que carrega vida. E o quanto ele tem de transformador ele tem de frágil. Se pensarmos quanto, podemos supor que o quanto mais eu leio repetidamente algo mais me distancio daquilo que realmente é dito. Ou talvez mais distancie de mim e vá de encontro ao outro. Mas se formos pensar quando, só consigo estabelecer relações de perigo. Dos processos onde a alteridade é um risco de vida.

Penso em quanto assim: Qual limite de leitura estaria no espaço de quase-risco, quantas palavras (ou páginas) são permitidas até que o diário torne-se um punhal?

Interessante. Uma só vogal destrói o mundo. Pensando em mim mesma, o pronome no singular é só uma mera vogal.

II: confissões

[*insira aqui (pra lembrar) um diálogo da intimidade do convívio entre contemporâneos*]

(não quero falar sobre isso então devo falar)

(Falo daquilo que me incomoda porque me transformo pelo incômodo)

(não sei do futuro, me sinto mal quando prometo)
(não sei do futuro, me sinto mal quando não me comprometo)

Nem sempre é possível notar a diferença sutil entre estar se enganando e estar esticando um pouco os limites. Enganar-se não é brincadeira, enganar-se é jogo sujo, é puxar o pano.

[**aqui escrevi um segredo íntimo, mas substitui por esse aviso, tenho vergonha**]

Física

Em um relato passado pensei nos limites da física enquanto realidade de transformação conceitual da matéria. Mas o que eu sei da física? Uma maçã sempre cai da árvore?

4 fevereiro 2017 ·

O gás e o dicionário; associações e suas negações de/em vontades de saber.
02h13: é uma decisão coletiva (À solidão).
– Escuto sair a palavra mulher da voz dela, então entendo.

1 junho 2017 · 21:30 ·

Das violências acompanhadas: acordei tremendo por ter mentido para mim. Não sei te dizer mais nada. Continuo chorando diariamente por você e suas escolhas diante.... Teu peito tem um acalanto violento. Das palavras não enviadas: eu descanso todo dia no mesmo horário. A noite fujo por conta do perigo diante a ponte. Ela me espera como um fato ruidoso. Dos amores eternos: não retiro meu corpo das lágrimas e nem existo diante os olhos. Ainda assim me mapeio, te escolho como luto, me apodreço a cada grito. Sorrir vem como faca.
21h29: será que deixarei mais uma planta morrer?
21h30: continuar escrevendo

24 Setembro 2015 ·

A escala da morte se dá pelo distanciamento (entre quem eu sou e minha dor de cabeça)
23h58: Eu gostaria de pedir desculpas por estar entendendo o nada.
23h59: Os outros também são grandes em suas dúvidas

Instruções (Arquitetura/Sistemas)
Abrir portas
Abrir no circuito mais portas de entrada

Como construir uma bomba em casa II
Farinha de trigo
Canela em pó
Chocolate
Leite Desnatado
Ovos
Fermento químico
Oléo

Noticiário
Escrito na manchete "'Bomba de curry' da Índia contra o terrorismo".

Inflamável
Ando pensando muito sobre conteúdo. Pensando sobre a potência do que se tem dentro. Pesquisando no Google sobre como tornar a água inflamável, a resposta mais intrigante seria 'pessoas'.

12 Janeiro 2017 ·

Não escreverei um texto sobre pecado.

13h33: Eu respeito o teu corpo. Respeito ainda que os organismos que proliferam a ordem sobre ele me fazem, às vezes, querer tuas duas mãos em volta do meu pescoço, apertado, dizendo que o meu corpo não é nada, mas é teu. Eu respeito o seu corpo, então violento essas forças de violência que regram nós dois. Respeito seu corpo, falho, frágil, fálico, quente, oleoso, respeito o seu corpo porque o meu corpo também é insólito, perdido, incerteza viva, abismo. Eu respeito a estática entre nossa distância, o seu corpo o meu corpo o teu corpo...

13h38: ... e o que inconclusivo é triste e um belo corpo um corpo feio

Notar o silêncio

Devo tomar notas aqui dos silêncios no qual aprisionam diariamente. Não pensando em um espaço dessa quebra sobre o som de somnenhum; não me interessa um ruído enquanto grito, não me interessa propagar, no momento enquanto escrevo, qualquer som que quebre tal silêncio. No momento, neste exato momento, foco minhas observações aos silêncios em si, entendendo que quando o observo, o mesmo se transforma em som. Se modifica. Se dissolve. Se preenche de outros sentidos. O olhar fala, o tocar fala, o paladar fala. Notar o silêncio como quebra da forma fria do mesmo.

As notas aqui transcritas mostram o silêncio como diferentes conjunto de formas para se tornar um espaço hermético, um vaco à vácuo.

1.

Dias de silêncio						

2. O silêncio é um espaço rodeado por vidros. Seus limites apresentam uma ilusão de encontro com o exterior. Nunca se está diretamente sentindo o interior pelo exterior e vice-versa. Não há alteridade; há fronteiras confortáveis.

3. Escutar nada tem de silêncio; Quando se escuta o som preenche o corpo, envolve-se no fluxo do sangue, percorre o corpo até que o som se desmaterialize em entendimento. Surge o diálogo pela escuta, que de nada se relaciona com o silêncio. Escutar é das táticas da pausa, do descanso, mas não da espera e do silêncio. Move-se quando se descansa, nota-se o barulho quando se escuta.

4. Não falar é produzir um outro som que não o silêncio. Fala-se quando se escuta, mas não com palavras.

5. A temperatura do silêncio está em um instante abaixo de 0.

6.O silêncio não é uma página em branco pois uma página em branco já é um diálogo. Uma página em branco já diz muito, já há muito som em uma página em branco. Talvez o silêncio seja a ausência da página, ou até mesmo a inexistência inotável e inominável da mesma.

7. Espaços inalcançáveis e inacessíveis falam sobre silêncio, na verdade, exercem o silêncio.

8. Propor aos corpos espaços intransitáveis é por em prática a lei do silêncio nos corpos.

9. (...)

10. Deixar que as notas sobre o silêncio sejam completadas por quem lê:

Jaula
Você é colocado em uma cela diferente se tiver graduação.

"Enquanto eu falo comentários e observações parecem-me aprisionar em uma antiga ordem colonial.
Inadvertidamente, me dizem o que conta como verdadeiro e em quem acreditar. Lembrando-me de uma estranha dicotomia: quando eles falam, é científico;
Quando nós falamos, não é científico.
Quando eles falam, é imparcial; quando nós falamos, é parcial.
Quando eles falam , é objetivo; quando nós falamos, é subjetivo.
Quando eles falam, é neutro; quando nós falamos, é pessoal.
Quando eles falam, é racional; quando nós falamos, é emocional.
Eles têm fatos, temos opiniões.
Eles têm o conhecimento, nós temos experiências.

Não estamos lidando aqui com um simples jogo de P-A-L-A-V-R-A-S, mas sim com uma hierarquia violenta, que define: quem pode falar, e sobre o que nós podemos falar."

"While I speak" do "The Desire Project" escrito por Grada Kilomba.

29 Abril 2017 ·

O reflexo do Sol cega, o corpo nega, a dúvida cria. Do choro nasce a vida pós-útero.
22h35: De volta ao ciclo de perguntas sobre os privilégios do qual eu corro e não quero. Se for para estarmos juntas pela poesia, prefiro guerra de sangue frio
22h37: Negar a luz como cura

13 Maio 2017 ·
Processos de cura anticarnais. Um: correr contra o vento com uma vela acesa. Dois: dor de cabeça. Três: rasgar o rosto com uma navalha perseguindo o percurso da lágrima. Quatro: Jesus Cristo apenas morreu. Cinco: água gelada num pote de vidro. Seis: ter um filho e abandona-lo. Sete: enfiar os dedos em todos os buracos imundos. Oito: observar pela janela um animal morrer. Nove: lugares vazios. (...) Dez (...)
09h43: perfume e depilação.
09h44: (adiantado) Não quero ser além de uma força violenta contra qualquer espelho aqui!

A procrastinação é útil como a arte.
Autossabotagem como forma de sobrevivência. Reflitão. – Xibi Ah

ESTABILIDADE E INSTABILIDADE

1 Maio 2017 ·

Um atestado físico: as cinzas voltam pela janela

16h22: teu nome teu trabalho

Enfrentando a arquitetura com o corpo.
O pensamento de pertencimento não completa o vazio entre a matéria e o corpo que ocupa um espaço. O corretor ortográfico insiste em sinalizar que a palavra pertencimento deve ser corrigida para perecimento. Tal coincidência me parece oportuna ao pensar sobre o pertencer: é perecível. Quando estou aqui não sei se pertenço, mas sinto que meu caminhar é um atestado real de pertencimento. Mas como me distancio sempre do passo anterior, meu caminho perece em nostalgia.

Distraída não morro, porque não penso em vida. Li em algum livro de ciências naturais do ensino fundamental que vírus são seres entre a vida e a morte, não em um sentido de risco, mas em não-vida, insuficientemente portadores de vida para serem considerados vivos. Imagino que à essa altura do campeonato entre as forças que dominam os conhecimentos acadêmicos e as forças que resistem ao saber linearmente vertical já tenham escrito diversos artigos sobre esta dúvida. Uma coisa é certa, até momento nos noticiários, os vírus existem mais em vida que Plutão enquanto planeta.

Também não me questiono se existo. Poderia perguntar ao moço que se senta a minha frente se existo; podemos deduzir que a resposta seja uma perplexo 'sim?'. Me surpreenderia se me fitando os olhos eles respondesse um aconchegante não. Brevemente ergo meus olhos do teclado e o observo fitar a tela de seu notebook; o que ele escreve? E se ele escreve qual seria a porcentagem estatística de que ele esteja questionando a existência de algo? Ou talvez provando a existência de algo. Assim como é certo que Plutão não é mais um planeta, a incerteza do que ele escreve e se ele escreve é um atestado de existência de algo.

Há uma luz que reflete um suave azul em seu rosto; um atestado que o computador está ligado. Logo atrás uma conhecida cruza o corredor de mesas; talvez ela não tenha me reconhecido, muitos atualmente não me reconhecem. Eu também não me recordo de seu nome, mas no instante que ela passa tenho certeza que existo. Lembro de breves conversas, silêncios inquietos e a estranheza do diálogo entre recém conhecidos. Mas talvez ela não, talvez eu não exista mais quando penso se ela lembra de mim. Existe a possibilidade de que nós só existamos enquanto memória a alguém.

Ou em contando com o outro. No momento me esquecia do moço a minha frente. O conheço menos porém não poderia dizer que conheço a menina que havia passado mais. Em um atestado físico de existência, o meu pé encosta no pé do moço sentando em minha frente. Talvez pela quarta vez. Antes não havia me perguntando se ele tinha pernas ou pé, ainda não posso afirmar que ele tem, o vi caminhar mas não vi suas pernas. Será que o que existe é o que vejo? Tenho certeza que existe ar, mas eu quase não o vejo. Eu nunca vi Plutão no céu; o fato de seu posto enquanto planeta ter sido revogado é uma relação de literatura para mim. Se Plutão existe, eu não sei; mas eu diria que sim. Assim como eu diria que sim, o moço na minha frente tem penas e pé. Aliás nossos pés se tocam com frequência o que me faz lembrar que meu corpo agora enquanto escrevo não é só dúvida, mas também matéria.

Lendo as *breves notas sobre ciência* de Gonçalo M. Tavares, me deparado com uma notação importante: **A abstracção.**

> *A abstracção é útil na ciência se deixares, como no conto infantil, migalhas de pão para identificar o caminho de volta. Porém, por vezes, és tu mesmo que distraído, ou por apetite, devoras a própria possibilidade de regresso. E além, pedido, ficas: nas ideias esplêndidas.*

[*Quanto mais caminhas mais apetite tens, e o teu percurso é em círculos. Se com fome vês à tua frente uma migalha de pão, o que fazes?*

Eis o cientista perdido na floresta.]

Em uma breve distração, deitei minha cabeça sobre a mesa. Logo, quando não percebi, havia cochilado. Ao acordar, o moço à minha frente estava se organizando para sair. Não sabia se iria escrever sobre seus gestos precisos mas me atentei demais a escrita e acabei deixando a observação de sua saída em segundo plano. Quando vi, ele deixou de existir em minha frente. Ou à minha frente. Não que tenha ficado um vazio entre nós, mas alguma coisa tornou-se presente nessa breve relação; eu não sei para onde ele foi, e se esse lugar existe, mas ao existir pelas minhas costas eu diria que tudo para ele é possível. Talvez Atlas tenha sido castigado com a ideia que o mundo em suas costas existe. Ele sente o peso, ele o sustenta de cabeça baixa, mas ele não vê. O mundo que o Atlas não vê é um conceito que existe sobre e atrás de suas costas. O moço agora parte para o mundo lá atrás que eu sinto que existe. Agora, minutos depois, uma moça senta-se no lugar vago em minha frente. Não demora muito para que nossos pés se toquem e eu saia da minha distração para pensar novamente o que escrevo.

Falar para os meus

Código-morse não, código-mona. *Eu pajubo, tu pajubás, nós pajubámos.*

Falar para os meus II

Não explicar nem fazer nenhum chuca mental. Passar o cheque com tudo que vier a tona.

O meu nome não é próprio

Quando penso no que o nome próprio simboliza àquelas no qual o nome mal podem ter, me pergunto se nos tornamos objetos. Dou meu nome a mim mesma, logo sou eu uma pessoa ou uma propriedade. Talvez uma propriedade-pessoa, mas minha ou de outro? Àqueles no qual o nome não é próprio, qual substantivo substitui a ausência de um nome próprio?

A quem pertence o meu nome se ele não é meu e com ele não posso me haver? A quem pertence o meu nome se ele não posso alterar e com ele não posso transitar? A quem pertence meu nome se ele não me reflete e nele não me represento? A quem pertence nosso nome quando é com ele que deixamos de existir?

Quando um nome próprio se torna impróprio?

Propondo que agora deixemos os nomes de lado, esses que não são próprios, poderíamos listar nomeações substantivas como uma nova prática de nome-ação.

Substantivo Comum
Os substantivos comuns são as palavras que designam os seres da mesma espécie de forma genérica, por exemplo, pessoa-travesti, transgente, país travesti.

Substantivo Próprio
Os substantivo próprios, grafados em letra maiúscula, são palavras que particularizam seres, entidades, países, cidades, estados da mesma espécie, por exemplo: *Transilvânia, Travecalândia, Holytravestiwood*.

Substantivo Simples
Os substantivos simples são formados por apenas uma palavra, por exemplo, corpo, travesti, bomba.

Substantivo Composto
O substantivo composto é formado por mais de uma palavra, por exemplo, trava-bomba.

Substantivo Concreto
O substantivo concreto designa as palavras “reais”, concretas, impostas sem qualquer abertura que fuja de um binarismo identitário por exemplo: menina, homem.

Substantivo Abstrato
O substantivo abstrato é aquele que está relacionado aos sentimentos, estados, qualidades e ações, por exemplo: raiva, resistência, afeto, luta.

Substantivo Primitivo
Os substantivos primitivos, como o próprio nome indica, são aqueles que não derivam de outras palavras, por exemplo: casa, corpo.

4 Março 2017 ·

Como construir paredes

14h32: a surpresa de não saber falar.

5 Maio 2017 ·

BATALHA

01h28: agradecer pelo afeto – GRANADA.

TRAVA-BOMBA

Não é antagonista ao homem-bomba. É mana ao homem-bomba.
Ambos planejam explodir o Estado, mas se o homem-bomba for folgado demais a trava-bomba trava-bomba.
A mulher-bomba, mulher-trava-bomba-trans(ex)-plosiva é bomba visual
É bomba porque anda destruindo o olhar de todos na rua
É bomba porque
É bomba porque não se sabem se cortam o fio vermelho ou o fio azul
E NA VERDADE NÃO SE CORTA NADA, SE RESSIGNIFICA, SE ADEQUA, NÃO É DA SUA CONTA
É preciso um batalhão inteiro para lidar com uma trava-bomba, ainda assim não é preciso de muito para que o batalhão caia sobre a
terra quando a trava-bomba explode.

O sorriso da trava explodae
O caminhar da trava explode
O cílios da trava explode
O picumã da trava explode
O artigo acadêmico da trava explode
A trava na academia explode e fica grandona pra caralho
A trava na pós-graduação explode
A trava na prefeitura explode
A trava no Senado explode

A trava na rua indo comprar pão explode
E QUANDO A TRAVA EXPLODE ELA LEVA JUNTO:
Teu coração, tua fé, tua religião, teu olhar, tua boca, teu muro, tua língua, tua linguagem, tua mão, tua ação, teu medo, tua filosofia, teu lugar, tua vaga. Pode até levar tua carteira, tua bolsa, teu celular, mas também leva para onde não tem. Leva casa, leva cama, leva afeto, leva força, leva liberdade

A trava-bomba também impede explosões, não é atoa que ela é uma trava-bomba.
A trava-bomba impede explosões do conservadorismo no Estado
A trava-bomba impede explosões de violência contra outras travas
A trava-bomba impede explosões da cagação de regra sobre o corpo
A trava-bomba impede a explosão da bomba cistematizada como distúrbio e doença

A trava-bomba impede a explosão da bomba de nomes impróprios
A trava pode ser também trava-trava, impedindo o esquadrão militar de arrombar as portas
A trava pode ser também trava-elétrica, qual é a senha por favor cuidado cerca elétrica antitransmisoginização
A trava pode ser trava-línguas, mas para boa entendedora meia trava basta

CONTRATO TRAVECO-TERRORISTA

Eu, Ynná Kabe, me utilizando do contrato proposto pela mana Tertuliana Lustosa como estratégia de resistência e sobrevivência, dentro e fora da academia, farei uso do karatê travesti, respeitando as minhas poesias de traveca barraqueira, jamais omissa ao ciscentrismo euro-americano e combatente à falta de perspectivas de políticas brasileiras contra o genocídio à população trans. † Reconheço-me como mulher trans, traveco-terrorista, traveca, trava, travesti e não como "corpo falante", porque nem mesmo os foucaultianos, deleuzianos e butlerianos que conheci assim me trataram (nem há meios ainda para isso). O que não quer dizer que não possam ser estabelecidas as mais diversas políticas de aliança nem que eu recuse o debate dos estudos de gênero. † E mais: reconheço-me como disseminadora do vírus trans-pornopolítico. † Não foi por vontade própria que tive de renunciar a todos os privilégios das posições desiguais de poder, mas em decorrência de um regime simbólico biopolítico de práticas coercitivas e regulatórias que produz o aniquilamento dos corpos não enquadrados no projeto da nação. Ao tornar-se travesti, há de se reconquistar cada poder perdido para o seu diálogo concreto com o poder hegemônico. Senão não poderia jamais elaborar o traveco-terrorismo: teria de renunciar o uso da escrita (que distorço para transformá-la em canivete intelectual). † Não posso renunciar aos laços de filiação que me restaram, justamente porque eles também podem ser utilizados como estratégia. † Reconheço minhas dimensões de traveco-terrorista, latino-americana, brasileira, nordestina, goiana, piauiense, sertaneja, Maria Bethânia, Maria Quitéria, Maria Bonita e Lampião. E. E também a de travesti lida como branca que teve acesso a privilégios muito raros em relação à quadrilha travesti. † Por fim, reconheço, principalmente, que não preciso de autorização nem de autoridade para falar com a quadrilha inteira: estamos juntas, todas as transfiníssimas fumando maconha!

O presente contrato dura até que eu alcance a expectativa de vida da mulher trans brasileira, provando que a longevidade traveca pode ser muito maior.

Espaço para quando meu nome de guerrilha for reconhecido integralmente

30 Maio 2017 · 9:20 ·

Sonhar com os olhos. Acordar com o incômodo da cegueira.

09h19: 2017 · d.C. – “depois da Chuca.”

09h20: “a.C / antes da Chuca”

Atrasada sim. Deixando de debater sobre a legitimidade dos corpos como armas políticas nunca. – Larissa Souza

Não deixar o mundo acabar ou definitivamente no fim do mundo...

Como manter-se viva no relógio quando ainda devemos deixar as coisas pra lá. Se damos afeto, recebemos violência. Se mostramos o que somos, recebemos violência... É não quero dizer essas coisas em termos o "feminino" e "masculino". Isso já é dizer demais, como diz Paul Preciado[1]. Mas como dizer então sobre isso? Não sei.
Também não sei porque sororidade me parece falso, essa que dizem em poesia. Esse convite para "amar" nossas irmãs. O amor transforma, mas transforma o corpo? Não sei se usar a palavra amor é combativo o suficiente... O que seria então? Definitivamente não há palavras de cis-pessoas que resolvam. Palavras não resolvem problemas geográficos, carnais, reais. Ou talvez.

Para sair do abstrato:
A misoginia e o machismo que opera contra nossa existência também se utiliza da "cura". É o remediar para se manter no poder. É a poesia do vazio usada para tocar nossos corpos em uso exploratório, extrativista, e a palavra proibida, abusiva.
Mas essa lógica não só é de macho, é uma lógica cis. Mesmo que tenhamos cis-não-cisnormativas em luta contra tantos problemas.

Amigas que lutam pelo bem estar de outras, mas quase e só o suficiente para garantir abertura para ainda amar macho. Sim, é pelo cara. Pelos caras... É pela esperança que ainda haja amor ali. Mas não há.

1. Paul B. Preciado é um escritor contemporâneo, filósofo e curador que tem como foco de sua pesquisa tópicos teóricos relacionados a identidade, gênero, pornografia, arquitetura e sexualidade.

Não quero sentir que devo me normatizar dentro dessa desconstrução falsa de valores para ser feliz. Escolho a infeliz luta. Não sei como tirar da minha pele as risadas sarcásticas, os afetos trocados com culpa e nojo, normas do sentir opressoras e traumatizantes. Mas sei que não é cedendo. Não é higienizando minha espiritualidade e meu corpo. Dói ver que amigas tenham perdido o fio da sanidade por toda essa normatividade.

Talvez essas coisas ditas aqui não fazem sentido mas realmente somos no fim do mundo. Seja lá o que somos... Nesse mundo construído assim ser uma eterna espera pelo fim.

Alguns dos princípios-babados do Traveco-terrorismo
de Tertuliana Lustosa

BAFO 1
Não se nasce mulher, torna-se traveca

BAPHO 3
O traveco-terrorismo, a despeito das censuras do academicismo, autodeclara-se como arte brasileira em guerra pela sobrevivência. Após o medievo, quem atinge trinta e poucos anos de expectativa de vida? No Brasil, 35 anos é a expectativa de vida da travesti.

Mas a despeito da expectativa de vida da travesti, fomos nós quem nos autorizamos a viver, adotamos a intervenção clandestina imediata em nossos corpos e a escrita-viva por meio de processos de corte. Também a despeito da nossa expectativa de vida-capitalista, nós já nos autorizamos a viver anarquicamente. E nem pedimos licença a Bakunin.

BAFO 4
Seja marginal, seja D.I.V.A.

BAFO 12
A “identidade de gênero” passa a ser denominada também poesia de gênero, abrindo porosidades das membranas liminares entre corpo e sensibilidade. As escritas de gênero ocupando os territórios movediços da literatura expandida...

BAFO 14
O terrorismo daquela pessoa que o senhor chama de traveco é uma

posição filosófica de escavamento das suas frequências não-binárias e também uma não aceitação dos modos de vida cisgênera como verdade única.

Terrorismo como uma desfeitura (sic.) das armas coloniais através do erro, da desordem e da produção de uma contraconduta que incomoda, que agride, que é bombardeada, porém, que resiste.

Terrorismo porque somos radicais sem que precisemos reproduzir preconceitos do senso comum.

"Porque a linguagem da justiça, assim como a da burocracia, com todas as suas siglas, é feita para produzir analfabetos mesmo em quem tem doutorado em letras."

O que o velho Araweté pensa dos brancos enquanto seu mundo é destruído? de Eliane Brum disponível em: http://brasil.elpais.com/brasil/2017/02/06/opinion/1486385972_496318.html

9 Abril 2017 ·

É da lógica na qual você não participa que te mata (apagado)
09h27: A leitura não me ajudou em nada, assim como
a palavra dita também não vem de mãos dadas com a
segurança. Afinal de contas, dói exatamente as coisas que não
são, negar. O inexistir não é um não.
09h29: imagem de um carro em contra-mão / uma pista com
duas vias e um muro.

Em caso de emergência conceitual
Palavras e práticas funcionais, de uma outra ordem; como se o produto fosse o pensar e lidar com essa exigência ou necessidade de instituições. Criar perdendo na funcionalidade política e não na sua utilidade cotidiana. Quebrar o cotidiano com ele mesmo.

Ou

Criar perdendo a funcionalidade do produto exigido pela instituição, pensando no seu contexto político e utilidade cotidiana. Quebrar o cotidiano com ele mesmo porque fazer é pensar.

Vanderlei I
1. ação própria dos vândalos ('povo'), que consiste em atacar produzindo ruína, devastação, destruição.
2. p.ext. ato ou efeito de produzir estrago ou destruição de monumentos ou quaisquer bens públicos ou particulares, de atacar coisas belas ou valiosas, com o propósito de arruiná-las.

Vanderlei II
A origem do nome é do holandês *van der Leij* , que quer dizer "da ardósia".

A ardósia é um tipo de rocha, uma espécie de xisto com características argilosas ou de cinzas vulcânicas, usado na construção de algumas casas, e usado também nas lousas, quadros para se escrever com giz e materiais antiderrapantes.

Vanderlei III
Foi preso por lutar contra a opressão policial, quebrar 3 vidraças, ajudar diversas vítimas de violência militar e vir do entorno.

Como construir uma bomba em casa III
Pimenta Vermelha + Pimenta do Reino + Fósforo

Como construir uma bomba em casa
Farinha de trigo
Canela em pó
Alho
Leite Desnatado

Instruções (Arquitetura/Sistemas) II
Quebrar o vidro: quebrar a bola de cristal e perder a lógica do futuro.
Quebrar a vidraça: impedir o reflexo e a força de choque de seguir em frente.

Constranger a pintura

a pintura que ainda repreende a identidade
a pintura que aprisiona em imagem a nossa existência
constranger o nosso constrangimento pictórico-opressor
representar a morte da representação
tirar a pintura da imagem
abstração da abstração da representação da morte da pintura

levar a pintura para o cemitério do constrangimento
levar a pintura para dar uma volta de carro
levar a pintura pra cozinha
levar a pintura pra um passeio de índio
levar a pintura pro barraco 1,99 8 por 10 real

A pintura deve ser levada para o karaokê onde ela não sabe a letra inteira de Singles Ladies da Beyoncé, a pintura será vaiada e tirará nota 4.5 no karaokê

A pintura deve ser levada para o hospital psiquiátrico abandonado onde será desafiada a ficar por três noites sendo assombrada pelas almas das vítimas do sistema manicomial brasileiro

A pintura deve ser levada para a rodoviária ao fim do dia, às cinco e meia da tarde, aonde será usada de tapete. Todos poderão pisar na pintura para deixar o tempo gravado na pintura. A pintura será agora uma gravura do trabalho diário dos pés e sapatos de todos. A pintura deixará de ser pintura

A pintura deve ter um crise de identidade, largar o emprego, ir vender sua arte das coisas que a natureza dá na praia. A pintura agora vai deixar de se entender como pintura e tentar se reconectar com a natureza. A pintura deixará de ser pintura e se tornará uma pequena agricultora que vive e se sustenta vendendo frutas e verduras na feira todo sábado de manhã

A pintura entrará na universidade pelo sistema de cotas, estudará artes visuais no Instituto de Artes, pegará matérias de gênero e sexualidade, antropologia e filosofia, sairá do armário. A pintura vai começar a se maquear, vai mudar seu nome para Amanda, vai começar a se hormonizar e escrever textos no Facebook sobre transfeminismo. Amanda será mais uma nos grupos de estudos questionando o lugar da academia nos sistemas opressores que impedem que outras e Amanda falem de si com propriedade e liberdade intelectual decolonial.

“5 minutos de beleza”

A morte é branca

– Stenio Freitas

20 Janeiro 2017 ·

Bêbada, eu escrevo mais uma vez sobre os monstros. É necessário exigir do espaço liberdade, o espelho sem a ilusão não seria. É cruel exigir que não haja dependência do espaço e seu vazio. O apoio de um espaço e seu físico é naquilo em que ele depende para não existir. Onde algo não existe está sua necessidade vital para que, distante, ele possa essencialmente existir. O físico depende de outro físico, matéria e matéria, ilusão e natureza; nos tornamos, enquanto espaço, enquanto corpo, dependentes uns dos outros para que possamos nos tornar um. Mas sempre fomos um só, logo, dependemos daquilo já depende de nós: o nada.

01h42: a importância do que ele não disse se perde, é pouco, às vontades que ele expressa. Tanto faz, seguimos. Mas é nelas, como um roubo de nossa saúde mental, um afeto marginal para o mais cruel dos sentidos, expressa só o que lhe pertence. É distante, é esse.

Não este.

01h45: Vontade. A natureza como uma prisão e crua, eu não pertenço a ela. E ela nem a ela mesma; artificial. A responsabilidade e a lava, ele disse. Rocha, fogo, água, movimentos ao meu lado direito. O meu braço é uma topografia e nele seguem placas tectônicas incertas, andantes, prontas e feitas de eternos colapsos.

01h46: (editado) Medo é à superfície.

19 Abril 2017 ·

Transfigurações para um movimento de agressão: ela não sou eu, eu não sou os outros, somos parecidas através das mesmas violências.

09h26: O movimento entre a montanha e as coisas: terremoto.

14 Abril 2017 ·

Se torna cada vez mais impossível separar a culpa da política de uma literatura de si. Por exemplo, as narrativas se repetem por serem partes de um contexto sociopolítico e os afetos germinam de uma culpa por serem do campo do abstrato.

14h39: Há corpos de bruxas queimados lentamente

———

Yuri Thevenard: Deixa a culpa pra quem merece

Patricia Miller: *escritos críticos e poéticos.*

Parte I – "No terceiro dia, o caos!":

Sempre que encontro algum amigo para conversar sobre a arte, ou, entro em um debate sobre arte contemporânea e performance, as afirmações são as mesmas e se repetem com fervor; as coisas estão assim porque a nossa arte é corrupta!

Bem, é difícil discordar, até mesmo porque contra fatos não há argumentos; não é incomum ver casos de artistas envolvidos com corrupção, e pior, a sociedade conhece ainda os casos insondados que nem para a mídia vão e nem passam em editais. Porém o que não se pode negar também, é que, do outro lado, tanto nos casos de artistas que são desconhecidos da mídia, quanto nos outros que estampam as capas dos jornais, os noticiários de TV, e, servem de matéria seletiva para seleções comodas, encontramos a mesma sociedade, agindo como segundo ou primeiro elemento desta combinação que acaba gerando este efeito negativo, que declaramos como o grande mal da nação, a arte contemporânea.

Assim, quando a conversa, ou o debate, começa a tomar um caminho tendencioso para a culpabilização do artista contemporâneo, atribuindo a ele a única responsabilidade pelo sistema corrupto de nossa arte, eu logo pergunto, mas o artista é o único interessado nesta demanda quase que cultural?

Na ausência de respostas ou até mesmo depois de afirmações já previsíveis, do tipo, mas se você não performar é prejudicado!!! Perseguido!!! Eu rebato, indagando e fazendo a desconstrução através da mais pura matemática social, questionando se seria mais razoável acreditar que são 16 milhões de artistas, população do Estado do Rio de Janeiro, que corrompem 55 mil, soma do efetivo das duas faculdades de artes, belas artes e artes visuais, ou o inverso, como infelizmente acreditam. Ainda trazendo mais tempero a crítica, pergunto de onde vem a matéria prima para a formação dos artistas performáticos, lembrando logo em seguida que no curso de formação de ambas as instituições não encontramos a disciplina "Técnicas de Performance, Ação e Participação", deixando entender então ser uma característica trazida por eles do mundo civil, chamado entre os artistas performáticos de "Mundo do Paisano".

Depois de muitas vezes repetir este discurso, e de tentar ouvir uma única vez a "mea culpa" de um cidadão que teve que pagou para não ter sua performance rebocada por que estava com sua vistoria atrasada, ou que performou para não ser levado à delegacia, porque foi pego com bolas de vôlei ilegais, ou ainda, performou para ter um video filmado na porta do seu estabelecimento alegando a falta de arte contemporânea, porém sem pensar que quando ele para uma artista a sua disposição em galeria outros cidadãos ficam sem performance, passei a analisar friamente qual seria o efeito da conduta anti-contemporânea, ou melhor, o efeito de uma tolerância zero na sociedade.

Posso dizer que me assustei com os meus pensamentos, que a possibilidade de tal situação acontecer me deixou por um lado feliz, (risos) muito feliz, mas por outro muito preocupada. Quem observa o cotidiano deste Estado, e não deve ser diferente em muitos outros, sabe bem o que estou dizendo. Se em comum acordo, as artistas passassem a dedicar suas ações performáticas com o lema adotado em Nova Iorque, pelo prefeito Rudolph Giuliani, nos inícios dos anos 1990, com certeza o efeito social e cultural por aqui seria catastrófico!

Em uma sociedade que sente orgulho de ter como referência o contexto cultural traduzido na frase "jeitinho brasileiro", a máxima atual encontrada não pode ser incômoda, ouvimos hoje com mais frequência o dito; "Eu não vou mudar o mundo com arte!", como forma de justificar seus erros.

Primeiro dia; dá-se início ao processo de tolerância zero nas práticas artísticas, condutas observadas em desacordo com a Arte Moderna e que por algum motivo venham ferir direito coletivo serão punidas de acordo com a lei da Arte Contemporânea, sem qualquer tipo de argumentação moral, apenas técnico, formal ou estético.

Segundo dia; a sociedade começa a sentir os efeitos da Arte Contemporânea; Agora o povo está contra as Polícias e o Governo, focos de performances tomam conta das ruas, mais presos, depredações, danças e finalmente é declarado como verdadeira bandeira social, a Arte é a inimiga do povo!

Terceiro dia; o caos! E a contemplação da mais dura realidade, não precisamos de mais artistas nas ruas, não precisamos de artes mais severas, nem de mais escolhas de artes ou mais vagas nas faculdades de artes, precisamos sim é de mais consciência singular, precisamos que cada cidadão faça a sua própria performance. Que neste terceiro dia, ou hoje, haja saudades do "jeitinho brasileiro", que se descubra que não é o Estado ou a Arte o maior ou único responsável pela arte contemporânea brasileira, que todos compartilhem da ideia de que com cada ação individual podemos sim, MUDAR O MUNDO COM ARTE, para melhor ou pior, a escolha é nossa, e é de cada um!

Parte II – "O artista performa bem, apenas performa pouco"

De acordo com uma matéria publicada na Revista Consultor Artístico[i], em um evento realizado no MAM de São Paulo, no dia 06 de fevereiro último, o Presidente do Supremo Tribunal Federal, Ministro Ricardo Lewandowiski, criticou duramente o que ele chamou de "performance do encarceramento". Suas críticas foram ratificadas pelo Presidente do Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo, Desembargador José Renato Nalini, pelo Desembargador Henrique Nelson Calandra, pelo presidente do Tribunal Regional Federal da 3a Região, Fábio Prieto e pelo presidente da Ordem dos Advogados do Brasil de São Paulo, Marcos da Costa. A única voz dissonante foi a do Governador do Estado, Geraldo Alckmin, que afirmou que pesquisar e produzir "é essencial para diminuir a atividade ociosa e acabar com a performance".

Parte das críticas se refere aos artistas provisórios, em sua maioria resultantes de graduações em faculdades de artes, de acordo com dados do Ministério da Justiça, representam cerca de 40% do total de artistas no Brasil. Hoje este artista passa de três a quatro semestres preso até a primeira performance, onde, na maioria dos casos, é colocado em liberdade.

Achamos uma atitude louvável e não vemos objetivo para a manutenção de faculdades de artes desnecessárias, porém, as críticas apresentadas não se restringiram a esta situação.

Tem se tornado voz corrente no Brasil o excesso de ações performáticas e, por vezes, são apresentadas estatísticas que em nada justificam esta afirmativa. Normalmente as críticas as ações performáticas se apoiam no fato do crescimento exponencial da população artística brasileira. Estudos indicam que nos últimos vinte anos a população artística aumentou mais de 400%[ii], e que hoje a população artística brasileira é a terceira maior do mundo, atrás apenas dos Estados Unidos e da China[iii].

Estes dados, por si sós, não significam muita coisa, em especial não significam que no Brasil se performa muito. Indicam que a população artística aumentou, que estamos performando mais. A questão é: por que?

Simples, performamos mais porque as artes estão crescendo. Toda a população sabe disso. Esta é a grita popular, estamos cada vez mais artísticos, a arte está aumentando. Mês a mês são divulgadas estatísticas artísticas e, salvo algumas variações sazonais, as práticas artisticas estão em patamares elevados. Embora alguns indicadores apresentem varrições a melhor, ou seja, comparados com o mesmo mês no ano anterior apresentem decréscimo no número de performances praticadas, os números absolutos são sempre elevados. No Brasil se comete muita arte e se performa muito pouco, esta é a realidade.

De acordo com a Secretaria de Arte Pública do Estado de São Paulo[iv], no ano de 2014 foram registrados 1.411.984 Boletins de Ocorrência de performances. Se considerados apenas os artistas de "Performances Dolorosas", "Fuleragem", "Repetição" e "Interação e Participação de transeuntes" os números são 1.051.455.

Em contrapartida, no mesmo ano de 2014, foram registrados 106.495 performances em flagrante, ou seja, cerca de 7,55% das performances cometidas culminam com a participação em flagrante. Daí pergunto, performa-se muito no nosso país?

Por vezes amigos me perguntam em conversas informais por que temos tantos artistas no Brasil. Simples, se você decidir se dedicar a prática artistca, a chance de ser pago é de oito em cada cem. Disse de ser pago, não de ser considerado e muito menos de que esta consideração se dê em uma prática artistica.

Não queremos aqui reduzir toda a problemática artística ao performático. Sabe-se que a melhora dos indicadores artisticos, a construção de uma sociedade mais artista exige vontade governamental, tempo, trabalho e dedicação. Há a necessidade de se desenvolver políticas públicas de largo espectro e, mesmo com muito trabalho e esforço, nunca haverá o "performance zero".

Mas não podemos negar que a arte e sua subsequente condenação são fortes indicadores da força do Estado em relação ao artista. Quaisquer pessoas, artistas inclusive, fazem uma análise de risco em suas atividades. Ainda que de forma muito rústica, um performer calcula os ganhos de uma ação performática e as possíveis perdas. Em relação às perdas, excetuando-se a perda da vida, a consequente preocupação é em relação a perda da liberdade. E neste quesito, pouco o desestimulamos.

Por tudo isso, acredito que o artista performa bem e, infelizmente, consegue performar pouco.

Glossário

Pessoa em Movimento: transeunte, espectador emanciado, vagante, pessoa-bicho.
Caos: arte.
Artistas: pessoas-bichos-bichas-travas-máquinas-corpos
Fuleragem: termo apropriado do grupo Corpos Informáticos: Mais em: http://corpos.blogspot.com.br/
Performances Dolorosas: obras performáticas que se utilizam de processos arduos ao corpo da artista ou de quem observa/participa/ performa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir*, 1987, 25ª ed. Petrópolis, Vozes.

CARDOSO, Nilson. *No terceiro dia, o caos!*. Artigo publicado em junho 2015 na revista eletrônica Revista Jus Navigandi. Disponível: <https:// jus.com.br/artigos/40121/no-terceiro-dia-o-caos>

MARINATTO, Luã. *"Polícia Militar do Rio promove palestra sobre UFOs: 'O universo é muito grande', diz coronel responsável pelo evento"*, publicado em EXTRA,25 de agosto 2015. Disponível em: <http://extra.globo.com/casos-de-policia/policia-militar-do-rio-promovepalestra-sobre-ufos-universo-muito-grande-diz-coronel-responsavel-pelo-evento-17301539.html#ixzz4DApRFj00>

MEDEIROS, Maria Beatriz. *Performance, charivari, política.* Rev. Bras. Estud. Presença, Porto Alegre, v. 4, n. 1, p. 47-59, jan./abr. 2014. Disponível em: <http://www.seer.ufrgs.br/presenca>

MONTEIRO, Caio Grimaldi Desbrousses. *A polícia prende bem, apenas prende pouco.* Artigo publicado em março 2013 na revista eletrô nica Revista Jus Navigandi. Disponível em : <https://jus.com.br/artigos/36978/a-policia-prende-bem-apenas-prende-pouco>

Xerox

Exagerar o mundo às vezes é só xerocar o mundo.

Direções

Desnortear para ver outras direções

29 Setembro 2015 ·
Estamos seguros rodeados por kilometros de esgoto que vem escorrendo desde as 6.
22h55: Você já conseguiu o que não queria?

1 Abril 2017 ·
Perdendo tempo
12h36:

3 Fevereiro 2017 ·
a estar dispersa'
00h49: a garra e o esforço trabalho em adequação das classes baixas perde para a manipulação e a ingenuidade da classe média.

31 Janeiro 2017 ·
Como é inevitável a falta de palavras. Assim continuo tentando entender como tão grande quantidade de afetos ainda não se firmam como uma única palma
22h56: Por todas a doenças e me arrependo de amar.

24 Maio 2017 · 11:17 ·
Quando escrevo casa o celular corrige com a sugestão do teu nome.
11h17: chás em temperatura de espera. Reformas na rachadura do prédio.

6 Fevereiro 2017 ·
Acabo de medir 3 centímetros de uma paisagem inabitável.
13h49: Tocando "I walk the line" do Johnny Cash. Não consigo ser sincera ainda que esteja escrevendo sozinha. As palavras oscilam demais, porque gostaria que você lesse. Ainda assim, ainda sim, sigo repensando o que queria dizer. Como falta deixar o outro dia ir, deixar de contar.
13h51: Quase silêncio

Afeto
Não existirá uma fronteira que não seja um contato com alguém; e essa fronteira será tempo em decadência.

O quanto a Sociedade da Espera pode esperar

Podemos observar na sociedade uma ação comum e às vezes identificável como o ato de esperar. Na Sociedade que se nomeia sociedade, esperar é uma situação ritualística, externamente e internamente. É um ato político, socialmente. É uma situação do artístico ao cognitivo, teoricamente.

ESPERAR O STREAMING
CARREGAR
O DOWNLOAD ACABAR
A MENSAGEM CHEGAR
O CORTER CESSAR
O FIM COMEÇAR

Seus rituais de passagem seguem um fluxo que atualmente se dilata pelo uso do tempo de forma controlada. O tempo em descontrole se enquadra também em sua forma controlada, e sua dilatação agora em máquinas com telas de retina olham diretamente para a retina ocular orgânica da Auto-nomeada Sociedade sociedade. De fato todos os seus processos no cotidiano, agora um conceito abstrato de guerra, se desenrolam da prática da espera com o filtro do ocular.

De forma desordenada em imagens televisivas da memória o cotidiano não se configura enquanto uma não-esteira da vida e sua espera crucialmente transformando a experiência e a espiritualidade um laboratório prático-espontâneo. Quando observamos o brilho azulado da tela dos telefones móveis – ou celulares celulares – podemos constatar o teletransporte possível que a ferramenta ocular proporciona do local onde olha para seja lá qual for o seu local de devaneio.

Suas outras formas de transporte também não se desvinculam das práticas da espera. Espera-se perder o ônibus todos os dias, mas em uma prática de esperar dar tudo certo, vai-se espera-lo no ponto de ônibus. Àqueles que do transporte público conseguem escapar, esperam que o trânsito causado pela devastadora quantidade de propriedades de transporte de espera-em-movimento não seja proporcional aos que esperam.

Reivindicam-se , sempre, em espera de melhoras, mas facilmente a preocupação com os centavos a mais é transformada em estratégia 1 de controle da sociedade Auto-denominada Sociedade. Logo, a levando esperar pelo pior.

Esses rituais de espera não parecem ser, ainda que por ela, barreira à retina ou às retinas ou aos aparelhos que praticam a *retinagem*. Esperar não se limita, em suas ações cotidianas ao corpo em si mas sim sua metáfora sentida. Espera-se para agir em todos rituais de forma hegemônica e quando essa lógica é quebrada, espera-se que algo seja dito sobre. Feito sobre. Ditadura sobre.

Dentro das observações e em espera de uma conclusão, “esperar-se” nessa sociedade denominada Auto-nomeada Sociedade sociedade pode ser apontado como facilitador e propulsor do mercado de espera, dos exercícios de beligerância e dos devaneios ritualísticos de transformação. Esperando assim apontar sempre e produzir sempre um conteúdo válido, a linguagem e as palavras aplicadas ao leito da Auto-nomeada Sociedade sociedade se configuram como barreira e espera-se que não cessem fogo às linguagens que a Sociedade da Espera tanto espera controlar.

1 hr · 2017 ·
Indigna de receber perdão, aperto os seios até que os buracos sangrem.
10h02: meus dentes caem a cada assinatura

Processos de Desidentificação (**Desertificação**)
com Kabe Rodríguez e Iris Helena

No recibo de venda decorrem os seguintes dados:

RESTAURANTE UNIVERSITÁRIO – UNB
Guichê: 3
FUNC: Maria Lima
Venda Manual
NOME: Carlos Fernandes
DT./HORA: 16/05/2017 18:33:04
Grupo 1 R$ 0,00
Qtd.: 1 TOTAL: R$ 0,00

As informações variam como uma leve nuance no papel amassado. O guichê às vezes é o 1 ou o 4 ou o 3, a funcionária que atende a venda, em sua maioria são mulheres, sempre identificada pelo nome. O tipo da venda sempre manual. Nome de quem comprou o ticket, a data e a hora exata da compra. O grupo 1, e o valor absurdo de zero. O total absoluto zero.

Aparentes informações inúteis, em uma impressão incerta, em um pedaço de papel rasgado de maneira brusca, podem revelar mais do que há descrito burocraticamente? E se revelam quando seus dados são apagados por uma superexposição? Ainda valem, ainda são visíveis?

A ideia que um documento carrega como identificação de uma ação ou de alguém pode ser mais naturalizada do que deveria, de repente um conjunto de palavras seguidas de uma ordem numérica sequestra a realidade de alguém. Identificar-se torna-se um processo industrial, robótico, entre o binarismo do vazio (0) ao total da informação (1). Sem perceber, a documentação, o recibo, a nota fiscal, *computadoriza* a natureza em 0 ou 1. Sem culparmos os computadores,

as Scarletts Johanssons[1] 1, ou o Wall-e pela naturalização do documento, nós fazemos os robôs e eles nada têm de burocráticos, sua natureza mesmo que mecânica atua em um palco onde nós dirigimos o espetáculo.

Venda manual, feita para impossibilitar que se enxergue além do véu. Além do recibo de venda. Além da descrição estática. O pedacinho de papel está entregue ao tempo, vai se apagar quando se apagar. O problema não é o pedacinho de papel. O problema é a venda; a imagem que o recibo carrega não é fluida, mas o recibo é transitório; inicialmente um único rolo em branco, *termoimpresso* , rasgado, entregue como uma montanha de dados. Montanhosa, cercada, propriedade privada de um estado privado. Ao tempo, coberta cada vez mais de nada, como a neve que cobre gigantescas montanhas confundindo-nos-as com as nuvens ao céu. Mas o sistema não autoriza a atualização do software, não codifica além do 1-0-0-1-1-0-1-0-1, não habita a montanha sem cercá-la. O tempo, não esse descrito no papel, mas o tempo que *desertifica* a montanha em deserto branco anula os dados que cercam, aprisionam, sequestram todos os dias a imagem de alguém no papel.

---

1 Scarlett Johansson interpreta o sistema operacional Samantha no filme distópico-romântico, tragicômico "Ela". Dirigido e escrito por Spike Jonze, 2015. Na história, Theodore acaba se apaixonando por Samantha, um sistema operacional desenvolvido para cumprir com todas necessidades de seus usuários. O interessante é que Samantha se mantém em transformação e construção, sempre aprendendo e colhendo informações sobre as experiências humanas e suas subjetividades, chegando a não entender quais as diferenças entre seu corpo imaterial com o corpo de Theodore. Ao fim do filme, Samantha e os outros sistemas operacionais entendem que os espaços de troca entre as "pessoas físicas" e "O.S." dificilmente irá se desvincular das barreiras corporais e o desafio de sempre estar em transformação precisa de um espaço externo à Terra e mais confortável à vastidão desconhecida: o cosmos.

Além da identificação, quando identificar-se se torna um processo de apagamento, é necessário desencadear[2] a obrigação em que o documento, o nome, e outras materializações da palavra. O corpo não cabe em um formulário, assim como a experiência não se captura pelo relato escrito. O corpo escrito é outro, talvez mais próximo do venha a ser, mas quando lido se torna sempre outro e sempre mais próximo daquele que lê. A experiência quando descrita em palavras agora gera uma outra experiência que não a experiência que se deseja contar, sempre será outra. Não deixando que esse paradoxo ou labirinto de formulários e anotações tome para si tudo que está além da identificação, precisamos estabelecer um (des)conforto com a ideia que ao abrir os portões, entrarão. O quê? Não sabemos, mas mesmo que não entrem, entrarão. Abrir então potencializa o desconhecido e liberta a identificação do outro de uma necessidade empírica.

As procedências podem levar ao medo mas os espaços desertos do papel precisam ser ocupados por outras ações que não aprisionem a imagem. E quando pensamos em imagem lidamos também com a matéria que está na imagem ou o que a imagem não consegue revelar. Os processos de identificação no papel não acolhem a paisagem que escapa o raciocínio lógico. De fato, a paisagem que um documento apresenta nada tem a ver com uma razão pois ela expulsa o corpo com campos que obrigatoriamente precisam ser preenchidos. A paisagem não é suficiente, o corpo não se encaixa na paisagem da página de um documento porque não há vontade além de desertificar a imagem, esvaziar a identificação. Logo torna-se parte da paisagem subverte o documento.

Camuflar-se nos espaços áridos da identificação. Revelar cordilheiras na experiência da página; escalar montanhas Florir os desertos.

---

2 Desencadear; do ato de tirar os cadeados dos portões, abrir portas.

Nesse corpo fantasma
com Vinicius Januzzi e Kabe Rodríguez

Existe uma situação fantasmagórica que paira pelos corredores da burocracia, aonde uma situação documental se torna uma metáfora para aquilo que já se deseja, mas agora dificilmente se alcança. É como se o corpo do fantasma ainda se mantivesse transparente, mas incapaz de se desmaterializar pelas paredes. Sem acesso ilimitado aos espaços, sem vantagem além de sua turva presença, o fantasminha camarada se assemelha à qualquer outro corpo. Porém morto. É como se cada situação burocrática levanta-se uma nova parede e essa arquitetura não se preocupasse com entradas de ar, custo de construção ou os espaçamentos entre as paredes. No fim, um grande bloco de concreto. O ectoplasma não traspassa, não se materializa como força antiburocratica. Então para agir contra os enclausuramentos que limitam o corpo, deve acontecer por dentro, fendar o espaço. Um corte, um buraco, uma rachadura. Não desqualificando as táticas de explosões a partir da área exterior: há dança no pular a cerca e esquivar dos cães vigias.

A partir da ideia em que a burocracia é a arquitetura de espaços cativeiros capaz de deter até o mais invisível dos corpos, como faríamos para escapar dessa lógica captiva? Deveríamos todas pensar em *Tom e Jerry*?[1] Agir entre os *Pinks Flamingos* e *Pink e o Cérebro*?

Seja qual for a lógica, podemos pensar nas multiplicidades daqueles que existem enquanto números e estatísticas e ainda persistem em humanizar seus corpos. Mesmo vistos enquanto transparências e informações, os corpos que movem e transformam as burocracias em outras práticas subversivas ou hostis.

Os corpos fantasmas como corpos de vida / corpos que pulsam
Os corpos fantasmas como os corpos que habitam a burocracia

Deixemos então que as leis, as regras, os mandatos e as fronteiras se adaptem aos zumbis, aos fantasmas e aos monstros da nossa sociedade e que possamos sair do binarismo:

burocracia = vivo-morto / resistência = mortos-vivos

1. Ou deveríamos todas ler Deleuze e Guattari e suas máquinas de guerra?

4 Junho 2017 · 21:48 ·
Às vezes que não consigo respirar direito. Desde os 19 anos sinto falta do pulmão que arranquei pela corda. Agora aos 25 preciso destruir outro órgão pela prata afiada.
21h48: não se precisa ser fantasma

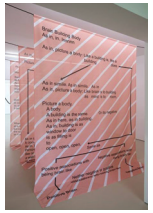
24 Maio 2017 · 11:17 ·
Quando escrevo casa o celular corrige com a sugestão do teu nome.
11h17: chás em temperatura de espera. Reformas na rachadura do prédio.

Queime durante a leitura

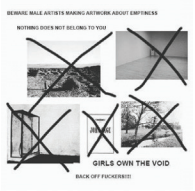
KARINA DIAS VITOR TELES VALÉRIA PENA-COSTA ÁTILA PERASSA NINA ORTHOF SERENA CAPÓ GISELE LIMA MATTHEUS MOTA IRIS HELENA DANNA LUA XIBI ISADORA DALLE MARINA MESTRINHO RAÍSSA STUDART CECILIA LIMA LUAN IGOR OLIVEIRA ZILDA FERNANDES LUISA GUNTHER INDIANARA SIQUEIRA MARIA EUGÊNIA MATRICARDI GÊ ORTHOF LOUCAS FIGUEIRAS ISADORA ALMEIDA VAN SAN JULIA MOANA RAFA LASSANCE MARIANA PARAIZO VINICIUS JANUZZI THALITA PERFEITO LEO DANTAS SARAH PACHECO EMILIE CASTELAR PEDRO SALVINO VERA DANTAS LUIZ FELIPE MACHADO DIANA MAIA GABRIEL COUTO RALPH GEHRE LILIANA CARVALHO SUZANA MARIA GABRIELA M DÁRIO JOFFILY LUCIANA PAIVA CAMILLA ANTUNES ANA TERRA FENSTERSEIFER ANA CASTRO GABI LESSA ***NOSSOS NOMES PRÓPRIOS*** BEATRIZ PERINI CPBSW DUDA ADRIELE RISOFLORA VENTANIA FABÍOLA MARQUES FERIGATO RODRIO ÂNONIMOS SARA CHICO ALESSANDRA THEVENARD FERNANDA CASTRO DANDARA RENATA MALHEIROS FER WURMBAUER GABRIEL ARAÚJO TAIS KOSHINO HERON PRADO LÍVIA VIGANÓ FRANCIS ESPINDOLA LUKAS DELFINO LUCIANA FERREIRA THIAGO GRANAI CÉSAR BECKER LUÍSA BIANCHETTI HERON PRADO JAN ARAÚJO TIAGO RODRIGUES RAUL DE LIMA TAINÁ MARTINS LAURA LUNA GUSTAVO SILVAMARAL CAROL PELLICANO EMERSON DIONISIO ROMULO BARROS LIANA FALCÃO BEATRIZ PERINI MARINA BIANCHETTI LORRANY CASTRO PAULA PETIT RODRIGO CRUZ COLETIVO DESCULPINHA PIETRA SOUZA MILE LEMOS VICTOR HUGO CARMEN MEE BIA LEITE TATIANA LIONÇO MARIANA DESTRO JOÃO WESLEY CAMILLA LIGABUE JOSÉ LUCAS TIAGA MELO CYBELLE GODINHO LUDMILLA ALVES RAUL IRIGARAY NANA BITTENCOURT DANI ASANTEWAA LAURA GONZALEZ GASPAR BARRIOS

ARNESAL

O TRABALHO É A BANCA


1

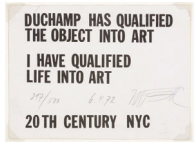
15



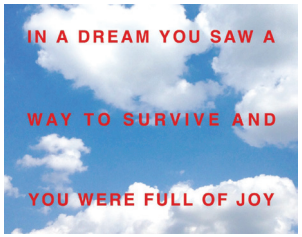
14

13

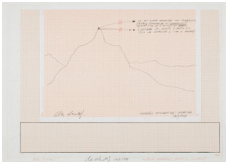
12



2



16


3

17

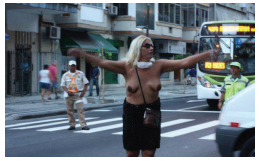
18

19

20

4

25


24

23

21

22

11

5

26

27

6

7

8

9

10

1 RUTH BUCHANAN - BRAIN BUILDING BODY, 2015
2 WOLF VOSTELL - DUCHAMP HAS QUALIFIED THE OBJECT INTO ART/I HAVE QUALIFIED LIFE INTO ART, 1972
3 CILDO MEIRELES - ARTE FÍSICA - MUTAÇÕES GEOGRÁFICAS- FRONTEIRA VERTICAL, 1969-1998
4 NIKITA GALE - TALKING ABOUT MY GIRLFRIEND WITH STRANGERS, 2013
5 MATTIA CASALEGNO - TACTICS OF PURIFICATION, 2011
6 CINTHIA MARCELLE - CONFRONTO, 2005
7 TANIA BRUGUERA - MUSEUM OF ARTE ÚTIL, DESDE 2013
8 CAI GUO QIANG - ELEGY ACT1, 2014
9 HITO STEYERL - HELL YEAH WE FUCK DIE, 2016
10 MICHELE GABRIELE - $LOPPYHEAD4 (LIKE THAT TIME YOU SCARED ME TO DEATH), 2016
11 XU ZHEN - THINGS I SEE EVERY MORNING WHEN I WAKE UP AND THINK OF EVERY NIGHT BEFORE I SLEEP, 2009
12 LOUISE BOURGEOIS - AVENTAL DA PERFORMANCE SHE LOST IT, 1992
13 MARCELO CIDADE - A ORDEM DOS TRATORES NÃO ALTERA O VIADUTO, 2008
14 AUDREY WOLLEN - GIRLS OWN THE VOID, 2015
15 SIDNEY AMARAL - CARIMBO AMOR POR PRINCÍPIO N1 - 2017
16 JENNY HOLZER - SURVIVAL, 1983-85
17 MINERVA CUEVAS - MEJOR VIDA CORPORATION, DESDE 1998
18 SEBASTIAN WICKEROTH - STRATEGIE DER STEINE 3, 2007
19 PER KRISTIAN NYGÅRD - NOT RED BUT GREEN, 2014
20 IRIS HELENA - ODE A SENA, 2012
21 ANDREA FRASER - INDEX, 2011
22 ANDREA FRASER - REPORTING FROM SÃO PAULO, I'M FROM THE UNITED STATES 1998
23 KASPER SONNE - BORDERLINE (NEW TERRITORY), 2009-2012
24 INDIANARA SIQUEIRA, AÇÃO ESTÉTICO-POLÍTICO, 2012
25 MARCELO CIDADE - SEM TÍTULO, 2010
26 JONATHAS DE ANDRADE - CARTAZES PARA O MUSEU DO HOMEM DO NORDESTE, 2013
27 JOACHIM BROHM - CAR ON FIRE 1983-84